



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE ECONOMIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**JEAN COSTA DOS SANTOS**

**AS POSSIBILIDADES DO DESENVOLVIMENTO PERIFÉRICO EM UM  
CONTEXTO DE FERVURA GLOBAL: UMA INTERPRETAÇÃO À LUZ DO  
LEGADO DE THEOTÔNIO DOS SANTOS**

**SALVADOR  
2024**

**JEAN COSTA DOS SANTOS**

**AS POSSIBILIDADES DO DESENVOLVIMENTO PERIFÉRICO EM UM  
CONTEXTO DE FERVURA GLOBAL: UMA INTERPRETAÇÃO À LUZ DO  
LEGADO DE THEOTÔNIO DOS SANTOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Economia da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Trentin Rech.

**SALVADOR  
2024**

Ficha catalográfica elaborada por Vânia Cristina Magalhães CRB 5- 960

Santos, Jean Costa dos

S237 As possibilidades do desenvolvimento periférico em um contexto de fervura global: uma interpretação à luz do legado de Theotônio dos Santos./ Jean Costa dos Santos. – Salvador, 2024.

66f. Il.; fig.; tab.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Economia, Universidade Federal da Bahia, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Trentin Rech.

1. Desenvolvimento econômico. 2. Desenvolvimento sustentável. 3. Meio ambiente. I. Rech, Lucas Trentin II. Título. III. Universidade Federal da Bahia.

CDD –338.9

**JEAN COSTA DOS SANTOS**

**AS POSSIBILIDADES DO DESENVOLVIMENTO PERIFÉRICO EM UM  
CONTEXTO DE FERVURA GLOBAL: UMA INTERPRETAÇÃO À LUZ DO  
LEGADO DE THEOTÔNIO DOS SANTOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Economia da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Lucas Trentin Rech

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabeth Moura Germano Oliveira

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gilca Garcia de Oliveira

**Dedico este trabalho a dona Marinalva, minha mãe, que sempre foi uma grande  
inspiração para lutar com todas as forças por aquilo em que acredito.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de chegar até aqui vivo e com energia para os próximos momentos da vida, bem como agradeço a mim mesmo pela construção da paciência, resiliência, foco e coragem ao longo destes mais de sete anos nesta nobre e honrada Faculdade de Economia. Também não poderia deixar de agradecer a minha mãe, dona Marinalva, que mesmo não tendo amplo acesso a educação, dada as circunstâncias socioeconômicas da sua época, sempre me apoiou incondicionalmente em todos os momentos. Aos meus irmãos, Ronaldo e DeJane, obrigado pelo apoio. Estendo meu agradecimento a outra duas mulheres cruciais na minha formação enquanto ser humano: Zizi, minha segunda mãe, sempre apoiadora dos meus sonhos, e também a minha avó-madrinha Emília, sempre com sábios conselhos. Também incluo por aqui todos os meus amigos pessoais de longa data que foram de suma importância nos momentos de inquietação. Por fim, e jamais menos importante, fechando em alto nível essa dedicatória, agradeço ao coordenador desta casa, Dr. Leonardo Bispo de Jesus Júnior pelo suporte ao longo dos últimos anos de graduação, bem como aos demais professores desta casa, em especial ao meu orientador Dr. Lucas Trentin Rech, que mesmo com intensa agenda acadêmica e profissional, sempre se mostrou envolvido com este trabalho, sendo bastante solícito e adequado na supervisão do mesmo, me ajudando a desenvolver aquilo que considero o mais desafiador na graduação de Ciências Econômicas: Pensar verdadeiramente como economista.

**"A Economia que não se preocupa com a justiça social é uma economia que condena os povos, o que está acontecendo no mundo inteiro, a uma brutal concentração de renda, ao desemprego e à miséria."**

**Maria Conceição Tavares**

## RESUMO

O presente trabalho explora o desenvolvimento dos países periféricos através de três prismas teóricos: a Teoria da Dependência de Theotônio dos Santos, a Teoria do Sistema-Mundo e a Ecologia-Mundo. O estudo começa por investigar o pensamento de Theotônio no contexto de dependência econômica e desenvolvimento, avaliando sua relevância e críticas. Em seguida, a Teoria do Sistema-Mundo é explorada para compreender as estruturas globais que impactam a periferia. O terceiro capítulo traz uma perspectiva ecológica à discussão, com base nas obras de Jason Moore, Yoan Molinero Gerbeau e Gennaro Avallone, questionando o desenvolvimento em um contexto de crise ecológica. A última parte propõe considerações para o desenvolvimento sustentável dos países periféricos, abordando estratégias de adaptação, tecnologia e políticas públicas. O trabalho busca entender como teorias interseccionais podem oferecer ideias para uma abordagem mais holística e sustentável para o desenvolvimento em nações periféricas.

Palavras-chave: desenvolvimento periférico; teoria da dependência; sistema- mundo; ecologia-mundo.



## **ABSTRACT**

The present study explores the development of peripheral countries through three theoretical prisms: Theotônio dos Santos' Dependency Theory, World-System Theory, and World-Ecology. The study begins by investigating Theotônio's thinking in the context of economic dependency and development, evaluating its relevance and criticisms. Next, World-System Theory is explored to understand the global structures that impact the periphery. The third chapter brings an ecological perspective to the discussion, based on the works of Jason Moore, Yoan Molinero Gerbeau and Gennaro Avallone, questioning development in the context of an ecological crisis. The final part proposes considerations for the sustainable development of peripheral countries, addressing adaptation strategies, technology, and public policies. The study aims to understand how intersectional theories can offer ideas for a more holistic and sustainable approach to development in peripheral nations.

Keywords: peripheral development; dependency theory; world-system; world-ecology.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>A CONTRIBUIÇÃO DE THEOTÔNIO PARA PENSAR O DESENVOLVIMENTO DOS PAÍSES PERIFÉRICOS</b> .....	<b>12</b>
2.1	INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE THEOTÔNIO .....	12
2.2	DEPENDÊNCIA E DESENVOLVIMENTO .....	15
2.2.1	<b>Uma Análise Comparativa com Referência a Prebisch e Dos Santos</b> .....	<b>18</b>
2.3	CONTRIBUIÇÕES PARA A TEORIA CRÍTICA E A VISÃO DA CIVILIZAÇÃO PLANETÁRIA.....	20
2.3.1	<b>Atualidade dos Conceitos</b> .....	<b>23</b>
<b>3</b>	<b>A ESTRUTURA DA TEORIA DO SISTEMA-MUNDO</b> .....	<b>26</b>
3.1	DEFINIÇÃO E ORIGENS.....	26
3.1.1	<b>Contexto histórico</b> .....	<b>28</b>
3.1.2	<b>Fundadores e proponentes</b> .....	<b>29</b>
3.2	COMPONENTES CHAVE .....	30
<b>4</b>	<b>A ECOLOGIA-MUNDO</b> .....	<b>33</b>
4.1	INTRODUÇÃO ÀS OBRAS DE JASON MOORE, YOAN MOLINERO GERBEAU E GENNARO AVALLONE .....	34
4.1.1	<b>Contexto e Contribuições</b> .....	<b>34</b>
4.1.2	<b>Abordagem metodológica</b> .....	<b>39</b>
4.2	TEORIA DO SISTEMA-MUNDO E ECOLOGIA-MUNDO .....	42
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO PERIFÉRICO EM UM CONTEXTO DE CRISE ECOLÓGICA</b> .....	<b>45</b>
5.1	O DESAFIO DA SUSTENTABILIDADE .....	45
5.1.1	<b>O Paradoxo do Desenvolvimento</b> .....	<b>48</b>
5.2	ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO .....	50
5.2.1	<b>Tecnologia e Inovação</b> .....	<b>51</b>
5.2.2	<b>Governança e Política Pública</b> .....	<b>54</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>59</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>61</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo buscou explorar as possibilidades de desenvolvimento periférico em um contexto de intensas transformações globais, oferecendo uma interpretação fundamentada no legado de Theotônio dos Santos, analisando as dinâmicas e desafios presentes nos países periféricos, à luz da contribuição teórica desse pensador.

O desafio de crescer economicamente não é exclusividade de um país ou outro. No entanto, a forma como se cresce, bem como as possibilidades de desenvolvimento, dadas as circunstâncias locais de cada economia, é algo a se levar em consideração. Desde a Segunda Guerra Mundial, percebe-se uma movimentação dos países cada vez mais em blocos, seja por questões culturais, econômicas ou até mesmo militares. Esse novo perfil de comportamento resulta em crescimento econômico aos envolvidos. No entanto, a grande questão é entender como que um país cresce mais que o outro, e qual o fator determinante e limitante para que, independentemente do cenário, sempre haja uma nação mais propícia a se manter em posição de domínio econômico.

É pensando também assim que o economista brasileiro Theotônio dos Santos, ao lado de outros pensadores, desenvolveu a chamada teoria da dependência, que busca explicar a relação de subordinação entre os países desenvolvidos e os países pobres, tidos como a periferia capitalista. O economista se debruçou em tentar demonstrar que o processo de desenvolvimento econômico capitalista, apresentado como uma "receita de bolo", ao ser feito por etapas, resultaria no êxito econômico de qualquer nação, era uma grande falácia. O autor compreendia que essa relação de dependência econômica era justamente o pilar que sustentaria e manteria a relação cada vez mais desigual de um país com o outro.

Este trabalho se apoia em mostrar a preocupação do autor com essa maneira de crescimento indexada a um limitador não visto por todos, no qual a dependência por si só era uma armadilha aos envolvidos. Da mesma forma em que uma ruptura parecia o caminho mais evidente, Theotônio era um grande defensor de uma Integração Global entre as nações para superar algumas questões, entre elas a ambiental.

Um dos pontos-chaves desta revisão de literatura é tentar entender a ideia de independência e integração global como forma de garantir a sobrevivência do planeta. Esta análise de cooperação em um cenário ambiental cada vez mais desafiador, provoca a necessidade de observar o papel do sistema capitalista e o impacto desse na preservação ecológica. Ao longo deste trabalho, se observa mais claramente que a Economia, Capitalismo e Meio Ambiente andam de mãos dadas, não podendo pensá-los separadamente. Este escrito entende que a reforma capitalista é um passo decisivo para garantir o futuro do planeta.

O grande desafio, talvez o maior limitador, é apontar com exatidão como isso ocorreria na prática, uma vez que a mobilização necessária passa pelo comum acordo entre Estado e o próprio mercado, que não se mostra disposto a rever por completo a sua forma de produção, nem tão pouco rever a posição principal da acumulação de riqueza no capitalismo. Ao longo dos capítulos, percebe-se uma sequência de condições que resulta em um paradoxo cuja solução é extremamente difícil de ser colocada. O papel do estado nessa transição se faz de grande importância.

É justamente esse vai e vem de ideias que despertou o interesse na abordagem desse tema, que possui amplitude para além do que poderá ser visto. Não é um escrito que visa responder de forma certa os desafios de uma possível mudança no foco e no formato capitalista, uma vez que o próprio Dos Santos se mostra um tanto incrédulo quanto a boa vontade dos envolvidos. Ao fim, o fator sobrevivência da humanidade deve ser aquele que em algum momento forçará uma mudança comportamental neste sistema, cada vez menos sustentável, no sentido literal da palavra. O quando isso poderia ser feito, é um ponto crítico, pois a depender da demora nessa percepção, poderá ser tarde demais.

O estudo baseou-se na análise das obras de Theotônio dos Santos em diálogo com outros autores cujas ideias perpassam a temática em questão. O trabalho está estruturado em 4 capítulos, a saber: "A Contribuição de Theotônio para pensar o desenvolvimento dos países periféricos", o qual versa sobre a história e o legado de Theotônio e suas contribuições, sobretudo, à teoria da dependência, influente no desenvolvimento econômico e social, especialmente nos países da periferia; "A Estrutura da Teoria Do Sistema-mundo" que traz definições, histórico, principais proponentes e componentes da teoria do Sistema-mundo; "A Ecologia-mundo", o qual

aborda as contribuições e a relevância das obras de Jason Moore, Yoan Molinero Gerbeau e Gennaro Avallone no contexto da Ecologia-mundo; e "Considerações sobre as possibilidades de desenvolvimento periférico em um contexto de crise ecológica", que engloba a relação entre o desenvolvimento periférico e a crise ecológica atual.

Por meio dessa análise, pretende-se abrir discussões e reflexões sobre os desafios e as oportunidades para o desenvolvimento econômico sustentável, sobretudo para os países periféricos, no cenário econômico mundial contemporâneo.

## **2 A CONTRIBUIÇÃO DE THEOTÔNIO PARA PENSAR O DESENVOLVIMENTO DOS PAÍSES PERIFÉRICOS**

Neste capítulo, exploraremos a contribuição do pensamento de Theotônio dos Santos para os países periféricos, analisando as ideias de Dos Santos e Prebisch e destacando a importância de suas teorias na compreensão do desenvolvimento e da dependência dos países latino-americanos. Abordaremos também a visão de Dos Santos sobre a teoria crítica e a construção de uma civilização planetária, ressaltando a atualidade de seus conceitos diante dos desafios enfrentados nos dias de hoje.

### **2.1 INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE THEOTÔNIO**

Theotônio dos Santos, sociólogo e economista brasileiro, desempenhou um papel relevante no desenvolvimento da Teoria Marxista da Dependência (TMD) no âmbito das ciências econômicas e das relações internacionais. Natural de Minas Gerais, Theotônio dos Santos foi um dos cientistas sociais latino-americanos a coordenar estudos e debates que levaram à construção da TMD, projetando essa teoria internacionalmente, na busca por encaminhar intervenções que conduzissem a uma transformação social (Leite, 2020).

Nesse sentido, uma das contribuições mais notáveis de Theotônio consistiu em sua análise crítica do conceito de dependência. Ele sustentava a tese de que os países em desenvolvimento não se encontravam meramente em um estágio atrasado em relação às nações desenvolvidas, mas, sim, estavam inseridos em um sistema econômico global caracterizado pela desigualdade. De acordo com Dos Santos, essa disparidade era perpetuada por meio de relações econômicas desiguais, nas quais as nações ricas exploravam a natureza extra-humana e a força de trabalho das nações mais pobres (Dos Santos, 1970).

Seu pensamento enfatizava a relevância do Estado como agente propulsor de mudanças e desenvolvimento nos países em desenvolvimento. Dos Santos acreditava que o Estado desempenhava um papel essencial na promoção do progresso econômico e social, bem como na redução das disparidades. Sua obra também denotava uma profunda preocupação com as questões sociais e a justiça econômica. Ele advogava em prol de políticas que tinham como objetivo a distribuição

mais equitativa da riqueza e o fortalecimento das economias locais nos países em desenvolvimento (Dos Santos, 1988).

Theotônio dos Santos representa uma figura central na elaboração da Teoria Marxista da Dependência e na análise das relações econômicas internacionais. Suas contribuições teóricas são relevantes ao destacar, de maneira crítica, as desigualdades presentes nas relações de exploração e dominação, em âmbito nacional e internacional. Theotônio também aponta as limitações enfrentadas pelos países latino-americanos diante de sua participação no sistema capitalista global (Logatto, 2022).

É importante ressaltar que as ideias de Theotônio dos Santos não apenas se mantêm pertinentes, mas também continuam exercendo influência no debate sobre desenvolvimento econômico e social, especialmente nos países em desenvolvimento. Seu pensamento crítico nos convida à reflexão sobre os desafios e as possibilidades de superar as desigualdades estruturais presentes em nosso sistema global. Ao considerarmos a obra de Theotônio, encontramos uma referência fundamental para entendermos as dinâmicas de exploração e a busca por alternativas emancipatórias que respondam aos anseios dos países periféricos e emergentes. Sua contribuição é essencial para pavimentarmos um caminho mais justo e igualitário para o desenvolvimento econômico e social.

O pensamento de Theotônio dos Santos se desenvolveu em um contexto histórico e intelectual particularmente rico e complexo. Nas décadas de 1960 e 1970, o mundo estava passando por mudanças significativas. A Guerra Fria estava no auge, dividindo o mundo entre as superpotências dos Estados Unidos e da União Soviética. Nesse cenário, as nações em desenvolvimento frequentemente se viam no meio de conflitos ideológicos e geopolíticos (Dos Santos, 1998). Isso influenciou a análise de Dos Santos sobre a interação entre política e economia nas nações em desenvolvimento.

A descolonização de várias nações africanas e asiáticas, durante a década de 1960, despertou aspirações de independência e autodeterminação. Esse movimento de descolonização também influenciou sua reflexão sobre as lutas pela emancipação econômica. Muitos países da América Latina estavam experimentando um ressurgimento do nacionalismo, buscando maior autonomia política e econômica em

relação às potências estrangeiras. É importante lembrar que, em 1959, um país do continente latino-americano, Cuba, vivera sua revolução social, e a partir da consolidação revolucionária sobre o comando de Fidel Castro, Ernesto Che Guevara e Camilo Cienfuegos, fermentou o ambiente político no continente. Esse ambiente forneceu um terreno fértil para as ideias de Dos Santos sobre dependência econômica (Bambirra, 1975).

As influências intelectuais que moldaram o pensamento de Dos Santos também desempenharam um papel crucial. Raúl Prebisch, o economista argentino conhecido por sua contribuição à teoria da dependência, teve uma influência significativa sobre Dos Santos. Prebisch (1950) argumentou que os países em desenvolvimento enfrentavam uma deterioração nos termos de troca devido à desigualdade nas relações econômicas internacionais. Essa abordagem crítica às relações econômicas internacionais ressoou profundamente em Dos Santos, influenciando suas próprias teorias.

Outro importante intelectual que inspirou Dos Santos foi o também economista brasileiro Celso Furtado, renomado por sua análise crítica do desenvolvimento econômico na América Latina. Furtado enfatizava a necessidade de políticas econômicas adaptadas às especificidades regionais, uma ideia que ecoou nas obras do autor.

O marxismo também desempenhou um papel crucial na formação do pensamento de Dos Santos. Ele aplicou conceitos marxistas à sua análise das relações internacionais, enxergando a exploração econômica global como um elemento central de sua teoria. Essa perspectiva marxista permeou suas análises críticas das estruturas de poder e dominação no sistema econômico global.

Dos Santos estava envolvido no movimento desenvolvimentista na América Latina, que buscava alternativas ao modelo econômico dependente, e propunha políticas econômicas mais orientadas para o desenvolvimento e a redução das desigualdades regionais. Com preocupações semelhantes, ele contribuiu para o debate ao apresentar suas próprias ideias sobre como fomentar o crescimento econômico e social nos países em desenvolvimento (Dos Santos, 1970).

Dos Santos também desenvolveu a ideia do "modo de produção dependente". Ele descrevia como os países em desenvolvimento frequentemente estavam presos



em estruturas econômicas que os mantinham subordinados aos interesses das nações desenvolvidas. E argumentava que o desenvolvimento real só poderia ocorrer por meio da transformação dessas estruturas dependentes.

A política de distribuição da renda, que não pode ser confundida com a política social, deve ter como objetivo a transformação estrutural da sociedade, a fim de eliminar as causas da desigualdade (Dos Santos, 2020, p. 41).

Dos Santos viu a teoria como uma ferramenta para promover mudanças reais na vida das pessoas, especialmente nas regiões mais desfavorecidas do mundo. Seu compromisso com a justiça social o levou a ser ativo em movimentos sociais e políticos em sua própria nação, o Brasil, e em outros lugares.

O objetivo principal da interpretação da teoria marxista da dependência desenvolvida por Theotônio dos Santos era compreender as desigualdades econômicas e sociais entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento, uma vez que “a tese da dependência [...] sustenta que o subdesenvolvimento não é uma fase temporária, mas uma condição estrutural inerente ao sistema capitalista mundial” (Dos Santos, 2020, p. 11). Com base nisso, Dos Santos buscava fornecer uma estrutura analítica para explicar essas disparidades e propor estratégias para superá-las.

## 2.2 DEPENDÊNCIA E DESENVOLVIMENTO

A TMD, como um esforço coletivo, abrange várias vertentes. Faz-se relevante salientar que Ruy Mauro Marini é o principal expoente dessa corrente teórica, com seu livro clássico “*Dialética da Dependência*”, cuja primeira edição foi escrita no ano de 1973.

Uma das contribuições-chave de Dos Santos para a corrente teórica foi sua análise crítica do processo de industrialização por substituição de importação (ISI) nos países em desenvolvimento. Ele argumentou que, embora a ISI tenha impulsionado o crescimento industrial em um estágio inicial, ela enfrentou desafios, como o gargalo cambial, que limitaram seu sucesso a longo prazo (Dos Santos, 1968). Essa análise contribuiu para uma compreensão mais profunda das limitações da estratégia de desenvolvimento adotada por muitos países em desenvolvimento.

Dos Santos também destacou a crescente penetração de capital estrangeiro,

especialmente de multinacionais dos Estados Unidos, no setor industrial da América Latina. Ele argumentou que isso levou a uma "desnacionalização" da economia e a uma maior dependência em relação ao capital estrangeiro (Dos Santos, 1968). Essa análise ajudou a explicar como a dependência econômica se manifestava na prática.

Ao discutir a relação de dependência entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, Theotônio Dos Santos aponta para a limitação do crescimento econômico dos países periféricos. Como destacado por ele, a incapacidade do capitalismo em reproduzir experiências bem-sucedidas de desenvolvimento nessas regiões tem contribuído para a perpetuação da miséria, do analfabetismo e de uma desigual distribuição de renda. Nesse sentido, Dos Santos (1998) ressalta que:

O "atraso" dos países subdesenvolvidos era explicado pelos obstáculos que neles existiam ao seu pleno desenvolvimento ou modernização. No entanto, no início da década de 60 estas teorias perdem sua relevância e força pela incapacidade do capitalismo de reproduzir experiências bem-sucedidas de desenvolvimento em suas ex-colônias, que estão, em sua maioria, em processo de independência desde a Segunda Guerra Mundial. Mesmo países que apresentavam taxas de crescimento econômico bastante elevadas, tais como os latinoamericanos, cuja independência política tinha sido alcançada no princípio do século XIX, estavam limitados pela profundidade da sua dependência econômica e política da economia internacional. Seu crescimento econômico parecia destinado a acumular miséria, analfabetismo e uma distribuição de renda desastrosa (Dos Santos, 1998, p. 15-16).

Ao analisar a relação entre dependência e desenvolvimento, Theotônio dos Santos trazia, já nos anos 1960, que a dependência não é simplesmente uma "situação de atraso ou subdesenvolvimento, um círculo vicioso, que era necessário romper para conseguir avançar para o desenvolvimento" (Dos Santos, 1998, p. 65), mas sim um resultado das relações de poder assimétricas no sistema global e do quanto a economia dos países menos desenvolvidos depende do capital internacional. Posição que se confirmou e que o autor destacou em obra da maturidade:

A expansão industrial da América Latina não resultou na sua passagem para o campo dos países industriais desenvolvidos. Ao contrário, tem aumentado a distância com os países centrais colocados na ponta da revolução pós-industrial, enquanto as indústrias obsoletas e poluentes se concentram nos países de desenvolvimento médio. O mais grave contudo começa a ocorrer na década de 80 pois, conforme havíamos previsto, a adoção crescente da automação diminuiu drasticamente o emprego industrial. Cada vez mais afastados dos centros de produção científica, tecnológica, e cultural, os países em desenvolvimento se inserem na armadilha do crescimento econômico sem emprego, não vendo expandir o emprego em educação, saúde, cultura, lazer e outras atividades típicas da revolução científico-técnica (Dos Santos, 1998, p. 31).

Fica evidente que a dependência dos países periféricos em relação aos países centrais é não somente econômica, mas política. Dos Santos (1978a) deixa isso claro em sua produção “Imperialismo y dependencia”, quando define dependência como:

uma situação na qual um certo grupo de países tem sua economia condicionada pelo desenvolvimento e expansão de outra economia a qual está submetida. A relação de interdependência entre as duas ou mais economias, e entre estas e o comércio mundial, assume a forma de dependência quando alguns países (os dominantes) podem expandir-se e autoimpulsionar-se, enquanto outros países (os dependentes) só podem fazê-lo como reflexo dessa expansão, que pode atuar positiva e/ou negativamente sobre seu desenvolvimento imediato. De qualquer forma, a situação de dependência conduz a uma situação global dos países dependentes que os situa em atraso e sob a exploração dos países dominantes (Dos Santos, 1978a, p. 304 - tradução nossa).

Outro aspecto importante da contribuição de Dos Santos foi a identificação de três tipos de dependência, a saber: a dependência colonial, a dependência financeiro-industrial e a dependência tecnológico-industrial. Dos Santos enfatizou a dependência tecnológica e argumentou que os países dependentes careciam da capacidade de crescimento autônomo devido à importação de bens de capital e tecnologia dos países dominantes (Dos Santos, 1978a). Essa dependência tecnológica foi vista como uma das principais características da dependência.

Dos Santos (1978a) abordou a questão da possibilidade de superar a dependência dentro do capitalismo. Ele destaca a importância de buscar alternativas, defendendo a necessidade de políticas e estratégias que promovam o desenvolvimento autônomo e sustentável dos países periféricos.

Embora tenha reconhecido a potencial autonomia produtiva como uma via de escape, ele também enfatizou que o capital transnacional, representado por multinacionais estrangeiras, poderia bloquear essa possibilidade (Dos Santos, 1972). Isso levantou questões importantes sobre o poder do capital estrangeiro na manutenção da dependência econômica.

A contribuição de Theotônio dos Santos para a TMD foi essencial para a compreensão dos desafios enfrentados pelos países periféricos na busca pelo desenvolvimento econômico e social. Suas análises críticas e conceitos-chave moldaram o debate sobre a dependência e continuam a influenciar o pensamento econômico e social na atualidade. Com base nas ideias de Theotônio dos Santos, é evidente a necessidade de compreender a dependência não apenas como uma

limitação econômica, mas como um fenômeno complexo que requer uma análise crítica das estruturas globais de poder.

### **2.2.1 Uma Análise Comparativa com Referência a Prebisch e Dos Santos**

Raúl Prebisch foi um economista argentino que desenvolveu a teoria da dependência durante sua atuação na Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) (Couto, 2007). Prebisch desenvolveu sua teoria da dependência no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial, quando os países latino-americanos estavam enfrentando desafios econômicos significativos, especialmente em relação ao comércio internacional. Sua principal ideia era que os países periféricos estavam em desvantagem devido à sua dependência de exportações de produtos primários e à flutuação desfavorável dos termos de troca (Dias, 2012).

Dias (2012) traz sob a ótica de Prebisch que:

o segredo por trás do pronunciado avanço econômico-social dos grandes países em relação à periferia, estava na forma e intensidade com que o aumento da produtividade difundia-se pelo aparelho produtivo desses países, bem como na maneira com que os frutos desse progresso eram absorvidos pela sociedade. [...] Assim, nas economias industrializadas ou centrais, o desenvolvimento das forças produtivas se dava num ritmo muito mais rápido que na periferia (Dias, 2012, p. 23).

Prebisch acreditava na necessidade de uma intervenção do Estado para promover o desenvolvimento econômico dos países periféricos. Couto (2007, p. 58) entende que para Prebisch “o Estado deveria estabelecer uma disciplina de acumulação e distribuição, de forma compatível com a liberdade econômica no jogo de mercado”.

Pode-se perceber que Prebisch via como fundamental uma mudança qualitativa na forma de crescimento dessas economias, acelerando consideravelmente o ritmo de acumulação de capital e modificando a estrutura orgânica do capital. Assim, seria viável uma significativa melhora na produtividade do sistema econômico como um todo, juntamente com a inclusão produtiva de grandes populações urbanas e rurais excluídas do processo de desenvolvimento (Dias, 2012). Dessa forma, o avanço da diversificação industrial faria com que a condição periférica dos países menos desenvolvidos fosse superada (Colistete, 2001).

Apesar das diferenças nas abordagens teóricas de Prebisch e Theotônio dos

Santos, eles concordavam que a dependência era resultado de uma estrutura econômica injusta e desproporcional. É perceptível que ambos os teóricos defendiam que os países subdesenvolvidos estavam inseridos em uma economia mundial desigual, na qual a dependência em relação aos países centrais era a principal causa de seu atraso, e ambos destacaram a necessidade de mudanças estruturais profundas para superar a dependência e promover o desenvolvimento sustentável. Tanto Dos Santos quanto Prebisch caracterizavam a economia mundial:

como um sistema de trocas desigual, em que a periferia (ou países dependentes na terminologia de Dos Santos) transfere um excedente econômico para o centro (ou países dominantes). Prebisch explica essa transferência de excedente como decorrente da deterioração dos termos de troca na periferia, em termos da evolução do preço dos produtos primários exportados pelos países periféricos e importados pelos países do centro, em relação ao preço dos produtos industriais exportados pelo centro e importados pela periferia. Dos Santos também inclui outras transferências, como aquelas decorrentes de remessas de lucros, preços de transferência, pagamentos de royalties, pagamentos de juros elevados para o serviço da dívida externa e pagamentos por outros serviços comuns em estudos sobre imperialismo (Kay, 2021, p. 73).

Em ambas as percepções, destaca-se a ideia central de um sistema mundial interdependente, no qual há uma Divisão Internacional do Trabalho que determina que os países centrais se industrializem e se desenvolvam por meio da exportação de produtos industriais, enquanto os países periféricos estão em grande parte confinados à produção e exportação de produtos primários, com base na exploração de sua natureza extra-humana (Kay, 2021).

Kay (2021) salienta que as semelhanças e diferenças entre as abordagens de Dos Santos e Prebisch são diversas, e ambas tiveram um impacto significativo no campo da Teoria da Dependência. Para ele, uma das principais diferenças está relacionada à dimensão social e política. O autor explica que Dos Santos, como um marxista interdisciplinar, enfatiza as relações de classe internas nos países dependentes e as relações políticas, relacionando-as de forma dialética com as dos países dominantes. Portanto, a dependência, para Dos Santos, não é apenas um fator externo, mas está intrinsecamente ligada às estruturas internas e às relações sociopolíticas dos países dependentes.

Prebisch, por sua vez, desempenhou um papel significativo na política nacional da Argentina e no cenário internacional por meio de suas atividades na CEPAL e na UNCTAD. Suas propostas visavam reformar as instituições existentes para criar um

sistema de capitalismo mais justo e inclusivo. Ele se referiu ainda à existência de um excedente de trabalho na periferia como um impulsionador de uma economia de baixos salários, a qual contribuiu para a deterioração dos termos de troca na periferia, assim como para a troca desigual (Kay, 2021).

Diante do exposto, distingue-se que Theotônio dos Santos contribuiu mais para a compreensão das dinâmicas do subdesenvolvimento e a luta por justiça econômica global, enquanto Prebisch influenciou fortemente organizações internacionais e políticas de desenvolvimento. Essas duas abordagens também se desdobram em diferentes tendências dentro da Teoria da Dependência, incluindo a vertente marxista ou revolucionária, à qual Dos Santos está mais associado, e a vertente estruturalista ou reformista, influenciada principalmente por Prebisch. Porém, tanto Dos Santos quanto Prebisch contribuíram significativamente para a compreensão das relações de dependência entre países centrais e periféricos, cada um trazendo suas perspectivas e abordagens distintas para o campo da Teoria da Dependência.

### 2.3 CONTRIBUIÇÕES PARA A TEORIA CRÍTICA E A VISÃO DA CIVILIZAÇÃO PLANETÁRIA

Theotônio dos Santos tratou o desenvolvimento de uma maneira única, como equivalência de um processo de civilização, um processo que tem direção e abrangendo a evolução global da humanidade.

Nos últimos anos de sua vida, Dos Santos renovou seus esforços de contribuição para a teoria crítica dedicando-se à escrita da trilogia "La Trilogía sobre el Capitalismo Contemporáneo, La Crisis y la Teoría Social". No primeiro livro, publicado em 2002, o autor reuniu reflexões sobre a TMD e criticou os setores de esquerda que seguiram o projeto neoliberal. No segundo livro, de 2004, Dos Santos discutiu as transformações da economia mundial e os desafios para a integração regional latino-americana diante da globalização neoliberal. Já no terceiro livro, de 2007, o autor fez uma crítica à base filosófica do neoliberalismo, destacando a relação entre terrorismo de Estado e políticas neoliberais, com base na experiência do Chile e de outros países da região, demonstrando como governos e o capital utilizam crises econômicas para enfraquecer direitos trabalhistas e movimentos sociais (Kay, 2021).

Com um detalhamento histórico e analítico maior dos aspectos econômicos, em seus últimos anos de vida, enquanto buscava lidar com o processo de globalização, Theotônio avançou para considerar todas as outras dimensões do desenvolvimento, culminando na fascinante perspectiva de uma "Civilização Planetária", por assim dizer, a construção de uma nova convivência humana universal (Dos Santos, 2016). Em seu último grande livro, uma homenagem a Celso Furtado, Dos Santos expressou:

Como notamos, o mundo está se transformando, drasticamente. Estamos na fronteira de uma nova era econômica, social, política e cultural. O que a define é, essencialmente, a criação de uma dimensão global da vida, que é o ponto de partida para uma civilização planetária (Dos Santos, 2016, p. 250).

Dos Santos propôs uma abordagem de desenvolvimento que vai além das fronteiras nacionais e enfatizou a necessidade de interconexão global em termos sociais, econômicos e ambientais. Para ele:

Desenvolvimento significa crescimento econômico socialmente equilibrado e baseado no avanço permanente do conhecimento científico e da eficácia econômica.

Sustentabilidade implica defesa do meio ambiente e da qualidade de vida para que as próximas gerações possam sobreviver e mesmo aumentar sua qualidade de vida. Sustentabilidade implica, também, a eliminação da pobreza e das terríveis desigualdades entre as classes sociais, os povos e as regiões do globo, a fim de assegurar um desenvolvimento para todos.

Sustentabilidade implica, além disso, o desenvolvimento de padrões de conduta, relações sociais e institucionais, de poder e governabilidade mundiais, que respeitem as diferenças étnicas, culturais e civilizacionais, procurando incorporar numa civilização planetária os aportes de todos os povos a uma convivência planetária pacífica, aprazível e feliz, com respeito às diferenças (Dos Santos, 2016, p. 440).

E complementa, afirmando que:

a noção de uma economia planetária supera a de uma economia mundial, na medida em que torna improvável e quase impossível a existência de várias economias-mundo em competição. [...] Uma economia planetária seria, assim, uma economia plural, uma integração de integrações, até que a humanidade possa elaborar um mundo simbólico e conceitual verdadeiramente planetário (Dos Santos, 2016, p. 142).

Tecendo uma crítica ao eurocentrismo e a todas as operações ideológicas que buscam privilegiar um setor da humanidade sobre as suas maiorias, Dos Santos destacou a necessidade de esse formato de economia mundial eurocêntrica e capitalista “ceder, pelo menos em parte, o seu lugar a uma nova visão global da gestão planetária, baseada na coexistência de regimes econômicos, sociais, políticos e, sobretudo, culturais diversos e até antagônicos” (Dos Santos, 1993, p. 88). O autor

defendeu a viabilização de uma etapa civilizatória planetária, inspirada em genuína visão e perspectiva humana, que respeite a pluralidade histórica e a contribuição das várias civilizações que permitiram à humanidade chegar ao nível de responsabilidade planetária em que vivemos (Dos Santos, 2016).

O conceito de uma Civilização Planetária está baseado na ideia da convergência de civilizações e culturas em direção a um convívio plural num sistema planetário único. Este novo estágio de civilização ainda não se concretizou, mas já é antevisto pelos interesses comuns de todos os países e de todos os governos, que precisam sobreviver num planeta único, integrado por modernos meios de comunicação e transporte. Todos estão subordinados aos mesmos recursos naturais globais, e suas populações dependem de uma herança biológica e cultural, comum a toda humanidade (Dos Santos, 2016, p. 251).

Trata-se, enfim, de uma tentativa de superação do quadro econômico, social, político e cultural criado pela civilização liberal burguesa, que se confundiu historicamente com a hegemonia mundial da Europa e, posteriormente, dos Estados Unidos. Muitas das características específicas das sociedades, das economias e das culturas européias foram identificadas com a própria civilização, gerando o eurocentrismo. Elas se converteram em instrumentos de dominação, de subordinação e de expropriação de umas regiões por outras, de certos centros e pólos de acumulação em detrimento de centros e pólos dependentes, que tiveram de produzir brutais excedentes para alimentar os pólos centrais. [...] Todo este quadro deverá sofrer uma grande mutação, na qual, durante um longo período, as grandes civilizações serão referenciais extremamente significativos para a construção de uma sociedade plural, de uma verdadeira civilização planetária (Dos Santos, 2016, p. 70).

Percebemos que a visão da Civilização Planetária de Theotônio dos Santos está fundamentada na ideia de que precisamos transcender as divisões e conflitos mundiais para alcançar uma coexistência pacífica e equilibrada entre as nações e os seres humanos. E a civilização planetária só poderá sobreviver se houver um compromisso com o desenvolvimento global e sustentável da humanidade. Esse compromisso deve incorporar o conhecimento e as potencialidades de várias culturas e regiões. Dos Santos ressalta a importância de respeitar e incorporar as formas de adaptação às condições ambientais e históricas desenvolvidas por diferentes culturas e civilizações, a fim de gerar um verdadeiro conhecimento universal (Dos Santos, 2016).

Diante do exposto, a visão de uma Civilização Planetária proposta por Theotônio dos Santos representa não um ideal, mas uma necessidade diante dos desafios globais contemporâneos. Em sua abordagem crítica, Dos Santos (2016) destaca que a busca por uma convivência pacífica, democrática, marcada pelo respeito às diversidades humanas e ao pluralismo cultural, e pela colaboração entre



as diferentes civilizações, ecoa como um desafio e uma oportunidade para a construção de um futuro mais justo e harmonioso para toda a humanidade. A interconexão entre os aspectos sociais, econômicos, ambientais e culturais ressalta a importância de uma abordagem integrada para o desenvolvimento sustentável e equitativo da humanidade, de modo a superar as estruturas de poder e dominação que têm perpetuado as desigualdades e a exploração em escala global.

### **2.3.1 Atualidade dos Conceitos**

A teoria da dependência surgiu entre as décadas de 1960 e 1970, no contexto latino-americano, como uma crítica ao desenvolvimento econômico dos países periféricos e sua relação de dependência em relação aos países centrais. Embora a Teoria da Dependência tenha raízes diversas e o uso de termos como "dependência" e similares tenham sido anteriormente empregados por vários autores, foi apenas na década de 1960 que esse termo começou a ser adotado de maneira sistemática por intelectuais como Dos Santos, Marini, Bamberger, Frank e Cardoso (Kay, 2021).

Essa teoria se tornou uma abordagem significativa para a análise das relações econômicas e políticas entre países centrais e periféricos. Especialmente diante das crescentes desigualdades econômicas e sociais no cenário global, a atualidade dos conceitos da teoria da dependência permanece relevante e pertinente. Tais desigualdades persistem entre os países centrais e periféricos, na manutenção de relações desiguais de poder e na continuidade da exploração da natureza extra-humana dos países em desenvolvimento, evidenciando a manutenção da subordinação dos países em desenvolvimento e confirmando o que explica Marini (1972) quando diz que a dependência não é um fenômeno estático, mas sim um processo dinâmico que se manifesta de diferentes formas, originando um ciclo que se perpetua ao longo do tempo. Nessa perspectiva, o autor citado compreende a dependência como:

uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo marco as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência. A consequência da dependência não pode ser, portanto, nada mais do que maior dependência, e sua superação supõe necessariamente a supressão das relações de produção nela envolvida (Marini, 1972, p. 327).

No mundo contemporâneo, a concentração de riqueza e poder ainda mantém os países em desenvolvimento em uma posição de subordinação. Ao refletirmos sobre o contexto econômico mundial atual no que diz respeito à dependência, percebemos similaridades com o que é trazido por Dos Santos, quando o autor diz que:

Ao analisar o processo de constituição de uma economia mundial que integre as chamadas “economias nacionais” num mercado mundial de mercadorias, de capitais e mesmo de força de trabalho, vemos que as relações produzidas por este mercado são desiguais [...] porque o desenvolvimento de partes do sistema ocorre às custas de outras partes. As relações comerciais baseiam-se no controle monopolista do mercado, o que leva à transferência dos excedentes gerados nos países dependentes para os países dominantes; as relações financeiras são, do ponto de vista das potências dominantes, baseadas em empréstimos e na exportação de capitais, que lhes permitem receber juros e lucros; aumentando assim o seu excedente interno e fortalecendo o seu controle sobre as economias dos outros países. Para os países dependentes estas relações representam uma exportação de lucros e juros que elimina parte do excedente gerado internamente e conduz a uma perda de controle sobre os seus recursos produtivos. Para permitir estas relações desvantajosas, os países dependentes devem gerar grandes excedentes, não de forma a criar níveis mais elevados de tecnologia, mas sim de mão-de-obra sobreexplorada. O resultado é limitar o desenvolvimento do seu mercado interno e a sua capacidade técnica e cultural, bem como a saúde moral e física do seu povo (Dos Santos, 1970, p. 231 - tradução nossa).

É notório que a globalização trouxe consigo novas formas de dependência, como as cadeias de produção globais e a financeirização da economia, que intensificaram a subordinação dos países periféricos aos interesses das economias centrais. Cordeiro (2023), ao analisar o debate de Hirst e Thompson, (1998) traz que os autores corroboram a ideia que a:

economia global não representa uma divisão homogênea do mundo [...] pois a mobilidade do capital e o fluxo do comércio internacional legam aos países mais desenvolvidos e centrais maior destaque no processo de acumulação [...]. Além disso, a economia mundial estaria longe de ser realmente “global”, uma vez que os fluxos de comércio e investimento se localizam na América do Norte, Europa e Japão, áreas as quais a teoria do sistema mundo moderno, apesar de considerar, de fato, uma economia mais global, denomina como regiões centrais do capitalismo em relação dialética com outras localidades semiperiféricas e periféricas do mundo (Cordeiro, 2023, n.p).

Na busca por superar a dependência e construir caminhos alternativos que favoreçam a igualdade e a justiça social, Marini (1972) destaca que é preciso repensar as relações de poder e a divisão internacional do trabalho. Esse é, com certeza, um dos desafios futuros que está posto para os países periféricos no contexto da globalização e das transformações econômicas mundiais: a busca por uma ordem econômica mais justa e equitativa, promovendo o desenvolvimento sustentável e a

autonomia.

Mesmo diante das desigualdades que continuam a reforçar a subordinação dos países periféricos em relação aos países centrais, a relevância contemporânea da Teoria da Dependência é um tema controverso. Alguns autores argumentam que a teoria perdeu sua relevância com o fim da Guerra Fria e a ascensão do neoliberalismo. Outros autores argumentam que ela continua a ser relevante, pois explica o desenvolvimento desigual entre os países do mundo (Martins, 2022).

Enquanto isso, muitos dos teóricos marxistas da Teoria da Dependência migraram para a Teoria do Sistema-Mundo (TSM). A TSM é uma teoria que explica o sistema mundial como uma hierarquia de centros e periferias. A TSM argumenta que o subdesenvolvimento é resultado da exploração dos países periféricos pelos países centrais (Martins, 2022). É sobre a estrutura dessa teoria que trataremos no capítulo a seguir.

### 3 A ESTRUTURA DA TEORIA DO SISTEMA-MUNDO

No presente capítulo, é analisada a estrutura da teoria do Sistema-mundo, abordando suas definições e origens, inseridas em um contexto histórico que subsidia a compreensão dos fundamentos do pensamento. São explorados os fundadores e proponentes dessa teoria, bem como os componentes chave que a fundamentam, incluindo os conceitos de Centro, Semiperiferia e Periferia, que delineiam a Divisão Internacional do Trabalho.

#### 3.1 DEFINIÇÃO E ORIGENS

Os sistemas sociais são sistemas históricos complexos, por representarem uma rede integrada de processos econômicos, políticos e culturais, que, de um lado, têm dinâmica própria e potencial de diferenciação e, de outro, relações entre processos e estruturas que os mantêm unidos (Arenti; Filomeno, 2007). Em vista disso, tenhamos em mente que:

Um sistema-mundo, como qualquer sistema social, é definido como uma unidade espaço-temporal, cujo horizonte espacial é co-extensivo a uma divisão de trabalho que possibilita a reprodução material desse “mundo”. Sua dinâmica é movida por forças internas, e sua expansão absorve áreas externas e integra-as ao organismo em expansão. Sua abrangência espacial, determinada pela sua base econômica-material, engloba uma ou mais entidades políticas e comporta múltiplos sistemas culturais. No caso que interessa, o sistema-mundo capitalista reúne uma economia-mundo capitalista e um conjunto de Estados nacionais em um sistema interestatal com múltiplas culturas. A auto-reprodução material e a larga abrangência espacial fazem esse tipo de sistema social parecer, em si, um “mundo”, no sentido de que é maior do que a jurisdição territorial de um Estado nacional, daí o nome “sistema-mundo”. É um “mundo” no sentido de que tem sua reprodução material viabilizada dentro de seus próprios limites, mas, no início da sua expansão, como no caso do capitalismo, era apenas um fragmento do universo que ocupava uma parte do globo (Arenti; Filomeno, 2007, p. 103-104).

O sistema-mundo interpreta a estrutura do capitalismo, como um sistema que começou a se moldar na Europa a partir do século XVI, quando várias economias locais se depararam com a expansão do capitalismo na economia global (Dos Santos, 2016) e a Europa “expandiu sua organização social do trabalho para as demais regiões geográficas e as integrou em sua economia” (Arenti; Filomeno, 2007, p. 104).

Nesses países, surgiram economias voltadas para a exportação, destinadas a

atender à demanda da economia européia. O comportamento dessas novas economias foi determinado pela nova demanda internacional, levando, por um lado, à destruição e, por outro, à preservação das antigas economias autossuficientes que prevaleciam. Embora o capitalismo não tenha imediatamente substituído essas economias locais ou regionais, desde então ele dissolveu sua naturalidade e as inseriu na lógica do mercado mundial (Dos Santos, 2016).

Nesse seguimento do paradigma dependentista para o sistema-mundo na compreensão do desenvolvimento econômico, as contribuições de André Gunder Frank desempenharam um papel crucial. Frank descreveu o sistema mundial como uma hierarquia de pólos sucessivamente articulados, na qual economias dominantes extraíam excedentes de pólos regionais, que por sua vez absorviam o excedente econômico de regiões mais distantes. Essa concepção formava um círculo concêntrico de exploração de excedentes, destacando os mecanismos pelos quais os excedentes locais eram captados e direcionados para as economias centrais.

Immanuel Wallerstein, junto com Giovanni Arrighi e outros especialistas na realidade africana, também propôs uma revisão crítica da formação do capitalismo contemporâneo, iniciando um trabalho monumental que se estende desde a década de 1970 até os dias atuais. Seu enfoque envolve a compreensão da formação do sistema-mundo, inspirando-se na obra de Fernand Braudel. A obra de Wallerstein divide o mundo em três esferas hierárquicas: centro, periferia e semiperiferia, enfatizando a existência de uma relação estrutural de dependência entre essas esferas.

Nessa divisão, formada a partir dos primórdios do capitalismo ocidental, os países ocupam uma função na ordem produtiva capitalista, sendo que os países centrais ocupam-se da produção de alto valor agregado, os periféricos fabricam bens de baixo valor e fornecem *commodities* e matérias-primas para a produção de alto valor dos países centrais e, por fim, os países da semiperiferia, ora comportam-se como centro para a periferia, ora como periferia para os Estados centrais, tendo um papel intermediário. Esse padrão de troca desigual cria uma relação de dependência entre os países periféricos e os do centro, acentuando essa diferença econômica e fazendo com que esses Estados periféricos se tornem dependentes de empréstimos e de ajuda financeira e humanitária dos países centrais (Martins, 2015, p. 96).

Já as contribuições de Dos Santos à teoria do sistema-mundo são internacionalmente reconhecidas sendo sua significativa participação na elaboração da teoria do Sistema-mundo, legitimada mundialmente por diversos intelectuais (Pinto, 2019). Durante seu segundo exílio no México, Dos Santos dedicou-se a

desenvolver junto com Immanuel Wallerstein, André Gunder Frank e Samir Amin, entre outros teóricos, uma teoria do sistema mundial (Kay, 2021).

Dos Santos desenvolveu uma versão própria da Teoria do Sistema-mundo, que incorpora parcialmente pressupostos das obras de Samir Amin e Gunder Frank, originando uma “versão marxista” da Teoria, a qual interage também com a versão original wallersteiniana, porém trazendo diferenças e incrementos.

O empenho teórico de Dos Santos no complementar dessa teoria tem sua origem na análise de estratificação social em âmbito nacional, visando compreender a necessidade de sua integração em uma escala global. Essa abordagem não negligencia, no entanto, a interconexão dos fenômenos relacionados à formação das burguesias européias e norte-americanas com o surgimento do mercado mundial capitalista (Dos Santos, 2016).

Dos Santos também analisa as ondas longas de Kondratiev dentro de uma perspectiva de sistema mundial, argumentando que um ciclo expansivo começou em 1994 tendo por base a Revolução Científico-Técnica, que levou à enorme transferência de recursos para o sistema financeiro. O autor defende a necessidade de inauguração de um novo sistema mundial, cuja base é a democracia, a pluralidade e a igualdade, assentados em uma civilização planetária (Kay, 2021).

### **3.1.1 Contexto histórico**

A teoria do sistema-mundo é uma teoria crítica da economia política que busca analisar a formação e a evolução do capitalismo como um sistema global. Ela foi desenvolvida a partir da década de 1970, em um contexto marcado pela crise do modelo de desenvolvimento capitalista, que se manifestou na crise do petróleo de 1973 e na recessão econômica mundial de 1974-1975; pelo fortalecimento do movimento anticolonial e anti-imperialista, que levou à independência de muitos países da África e da Ásia; e pelo aumento da desigualdade entre os países desenvolvidos e os países subdesenvolvidos (Dos Santos, 1979).

A crise do modelo de desenvolvimento capitalista foi um dos fatores que impulsionou o desenvolvimento da teoria do sistema-mundo. Esse modelo, que se baseava na industrialização e na substituição de importações, havia se mostrado

ineficaz para promover o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos.

Os estudos do sistema-mundo se situaram como expressão teórica de um amplo debate sobre as transformações que ocorriam na economia e política mundial dos anos 70. Desde o fim de 1960, surgia uma ampla documentação empírica sobre as corporações multinacionais, sobre as novas direções da economia mundial e sobre a nova ordem econômica mundial proposta pelos não-alinhados nas Nações Unidas (Dos Santos, 1998, p. 48).

O fortalecimento do movimento anticolonial e anti-imperialista também contribuiu para o desenvolvimento da teoria do sistema-mundo. Esse movimento, que levou à independência de muitos países da África e da Ásia, colocou em xeque o discurso da superioridade do capitalismo ocidental (Dos Santos, 1978b).

O aumento da desigualdade entre os países desenvolvidos e os países subdesenvolvidos foi outro fator que influenciou o desenvolvimento da teoria do sistema-mundo. Essa desigualdade, que se manifestava em indicadores como o PIB per capita e o índice de desenvolvimento humano, evidenciava a injustiça do sistema capitalista global (Dos Santos, 1986).

A experiência do Chile também foi um aspecto que cooperou para o surgimento da teoria do sistema-mundo. O governo socialista de Salvador Allende, que foi derrubado por um golpe militar em 1973, representou uma tentativa de romper com a dependência do capitalismo global (Dos Santos, 1974).

É notório que a teoria do sistema-mundo surge em um contexto de modificações políticas e econômicas em âmbito mundial, as quais evidenciaram a desigualdade entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. A análise crítica proposta por Dos Santos busca compreender e denunciar as estruturas de poder e exploração presentes no sistema capitalista global, evidenciando a necessidade de uma transformação profunda nessas relações econômicas e sociais.

### **3.1.2 Fundadores e proponentes**

Na teoria do Sistema-mundo a dinâmica da economia global capitalista é explicada como um "sistema social abrangente". Wallerstein propõe uma análise do capitalismo como um sistema mundial e argumenta que os eventos históricos que moldaram o capitalismo como um elemento chave nas relações de poder globais são essenciais para entender nossa história e o momento atual (Acco, 2018).

De acordo com Wallerstein, o capitalismo teve origem no século XVI com a expansão europeia, o qual divide os países em centro, periferia e semiperiferia. Esse intelectual:

produziu uma análise original sobre os Estados nacionais e o sistema interestatal no âmbito dos três núcleos de formulação que mais lhe ocuparam ao longo de sua trajetória intelectual: a abordagem do chamado sistema-mundo; as questões envolvendo as classes sociais e os movimentos antissistêmicos no contexto dos sistemas-mundo; e também na afirmação de uma *via media*, como método e como prática, para as ciências sociais melhor compreenderem as dinâmicas do mundo contemporâneo (Acco, 2018, p. 710).

Por sua vez, Andre Gunder Frank, economista alemão-americano, é considerado um dos pioneiros na teoria, argumentando que o subdesenvolvimento dos países periféricos resulta da exploração capitalista.

Além dos fundadores, a teoria do sistema-mundo foi desenvolvida por outros estudiosos, como Giovanni Arrighi, sociólogo italiano, que sustenta que o capitalismo mundial é um sistema de acumulação de capital em constante evolução. Samir Amin, economista egípcio, argumenta que o capitalismo global é um sistema de exploração que resulta em desigualdades entre os países. César Guimarães, sociólogo brasileiro, propõe que a teoria do sistema-mundo pode ser aplicada para compreender as disparidades regionais no Brasil. A teoria do sistema-mundo continua a ser um campo de estudo relevante e ativo, com contribuições de acadêmicos de diversas áreas, proporcionando uma visão crítica do capitalismo global (Guimarães, 2013).

### 3.2 COMPONENTES CHAVE

O sistema internacional, desde seus primórdios, constitui-se de relações de poder desiguais e o campo econômico é, sem dúvidas, um dos aspectos que medem o poder de um estado (Pereira ; Xerri, 2020). Atualmente, dentro do sistema capitalista global, a participação dos países é representada pelo conceito de Divisão Internacional do Trabalho (DIT). Nessa divisão, os países estão conectados em redes de produção e comércio a nível internacional, onde cada nação desempenha um papel específico no processo, seja no fornecimento de matérias-primas, mão de obra, capital, entre outros (Medeiros, 2019). Essa DIT, de acordo com a teoria do Sistema-mundo, é um dos principais mecanismos de reprodução do sistema capitalista.



Sob essa ótica,

A Teoria do Sistema-Mundo enfatiza o estudo do sistema capitalista mundial e suas dinâmicas abordando as relações de poder estabelecidas neste sistema. Para tanto, ela identifica uma clivagem entre os países mais bem posicionados, localizados no centro da dinâmica capitalista, e os menos privilegiados, classificados como semiperiféricos e periféricos (Pereira ; Xerri, 2020, p. 42).

Nessa divisão, formada a partir dos primórdios do capitalismo ocidental, os países ocupam uma função na ordem produtiva capitalista, sendo que os países centrais ocupam-se da produção de alto valor agregado, os periféricos fabricam bens de baixo valor e fornecem commodities e matérias-primas para a produção de alto valor dos países centrais e, por fim, os países da semiperiferia, ora comportam-se como centro para a periferia, ora como periferia para os Estados centrais, tendo um papel intermediário (Martins, 2015, p., 96).

Como aponta Martins (2015, p. 100), “aspectos econômicos, políticos e culturais são importantes para caracterizar e definir se um país faz parte do centro, semi-periferia ou da periferia do sistema-mundo”. Wallerstein (1974) aprofunda a explicação de que o centro é composto pelos países desenvolvidos, que controlam os principais recursos econômicos e políticos do mundo. Esses países são responsáveis pela produção e exportação de bens manufaturados e de serviços. Eles são caracterizados por: alta renda per capita; alto nível de industrialização; alto nível de educação; boa infraestrutura; forte economia de mercado; forte poder militar e político. Alguns exemplos de países do centro são: Estados Unidos, União Europeia, Japão, Canadá, Austrália e Nova Zelândia.

A semiperiferia, por sua vez, é composta por países que estão em uma posição intermediária na divisão internacional do trabalho por apresentarem características intermediárias entre o centro e a periferia. Esses países podem ser exportadores de matérias-primas e mão de obra, mas também podem produzir bens manufaturados e serviços (Wallerstein, 1974). O autor enfatiza que os países da semiperiferia são caracterizados por: renda per capita média; nível de industrialização médio; nível de educação médio; infraestrutura relativamente boa; economia de mercado em desenvolvimento; poder militar e político limitado. Alguns exemplos de países da semiperiferia são: Brasil, China, Índia, Rússia, México e Argentina.

Já a periferia é composta pelos países subdesenvolvidos, que fornecem matérias- primas e mão de obra barata para os países do centro. Esses países são dependentes das exportações para gerar renda. Os países da periferia estão na

posição mais desfavorecida na divisão internacional do trabalho. Os países periféricos são caracterizados por: baixa renda per capita; baixo nível de industrialização; baixo nível de educação; infraestrutura precária; economia de mercado pouco desenvolvida; poder militar e político limitado. Alguns exemplos de países da periferia são: África Subsaariana, América Central e Caribe, Ásia Central e Sul da Ásia (Wallerstein, 1974).

Essa exploração perpetua a dependência dos países da periferia e impede o seu desenvolvimento econômico. Além disso,

a utilização de categorias baseadas na desigualdade dos benefícios obtidos com a participação dos diferentes Estados na economia mundial, dada a apropriação e organização dos fluxos globais de mais-valia, leva ao questionamento da possibilidade de modificar sua posição no sistema. Especificamente, faz pensar sob quais condições poderia um país ascender ao seu centro e dominar as relações com os outros Estados (Pereira; Xerri, 2020, p. 42).

Portanto, a teoria do Sistema-mundo destaca a importância de entender a distribuição desigual de poder, recursos e riquezas no sistema capitalista global, evidenciando como os países do centro exploram e se beneficiam dos países da periferia. A divisão em centro, periferia e semiperiferia não apenas reflete a realidade das relações internacionais, mas também levanta questões importantes sobre a possibilidade de ascensão de um país do sistema periférico para o centro. Dessa forma, essa divisão internacional é considerada um componente chave da teoria do Sistema-mundo, pois fornece ideias valiosas para analisar a ordem global dominante e as estratégias possíveis para a transformação dessa estrutura desigual.

Preciado (2008) corrobora essa ideia quando afirma que:

O uso dos termos centro e periferia, na análise dos sistemas-mundo, não se refere, em primeira instância, a zonas geográficas, regiões ou Estados, mas a processos complexos. Essas zonas se convertem em centrais, porque dominam os processos de exploração e concentração de mais-valia, e, da mesma forma, as regiões periféricas são definidas por sua condição de exploradas pelo centro e subordinadas a seus processos centralizadores e concentradores de recursos. Os processos de centro consistem em relações que combinam salários relativamente altos, tecnologia moderna e um tipo de produção diversificada. Os processos da periferia constituem uma combinação de baixos salários, tecnologia mais rudimentar, resultando num tipo de produção simples. A semiperiferia é o espaço que combina, de uma forma particular, ambos os processos. Esse conceito se aplica diretamente a zonas, regiões ou Estados que supõem a exploração da periferia e sofrem a exploração do centro (Preciado, 2008, p. 255).

Ademais, Pereira e Xerri (2020) complementam dizendo que:

As zonas da economia-mundo se organizam hierarquicamente ao redor do centro. Os tipos de ligação entre as diferentes regiões demoram a se transformar, pois os laços comerciais que fundamentam sua variedade, dada

a desigualdade das trocas ocorridas, são formados através de séculos e ocasionalmente (re)ordenados em favor de um centro dominante ascendente, que assegura o controle dos pontos estratégicos de acumulação mediante quaisquer meios necessários. A economia-mundo, fechada em si mesma, depende de “alavancas” para seu bom funcionamento – o comércio e o crédito são as principais. O próprio nível de preços no centro atua como condicionante para o todo do sistema. Assim, Estados no centro têm de ser fortes, capazes de atuar interna e externamente em favor do poder econômico a eles relacionado (Pereira; Xerri, 2020, p. 44).

Enquanto os países centrais detêm o controle dos recursos econômicos, políticos e militares, os países periféricos subsistem em subordinação ao centro, fornecendo-lhes bens e serviços em condições barateadas. Tal condição tem permanecido, uma vez que:

A má distribuição do capital acumulado e do capital humano fornece uma “forte tendência” para a automanutenção do Sistema-mundo moderno. Ou seja, são forças que contribuem para a manutenção de um centro (com predominância de capital acumulado e de alta capacitação da força de trabalho) e de regiões periféricas (onde predomina a baixa poupança, por conseguinte, baixos investimentos e baixa qualificação da força de trabalho, e com Estados débeis com baixo nível de autonomia) (Martins, 2015, p. 99).

Essa hierarquia econômica e política reflete-se nas desigualdades sociais e econômicas existentes entre os países, evidenciando a necessidade de repensar as relações de poder e equidade no sistema mundial.

Podemos concordar com Martins (2015, p. 100) quando o autor afirma que “a economia-mundo moderna é essencialmente capitalista”. Martins corrobora as ideias de Wallerstein no que diz respeito à necessidade de surgimento de uma terceira forma de sistema-mundial, a qual, partindo de um governo socialista, redistribuísse de maneira equânime as riquezas oriundas dos países, a fim de promover uma melhor distribuição econômica. Nesse contexto, a necessidade de uma redistribuição equitativa do que é produzido poderá, muito em breve, levar à busca por esse sistema mais equilibrado e inclusivo para todos os países envolvidos nas relações econômicas globais.

#### **4 A ECOLOGIA-MUNDO**

Este capítulo aborda a relevância das obras de Jason Moore, Yoan Molinero Gerbeau e Gennaro Avallone no contexto da Ecologia-mundo. São exploradas suas contribuições teóricas para a compreensão da inter-relação entre os sistemas naturais e sociais, bem como para a análise dos processos e dinâmicas

ecológicas em escala global. É enfatizada ainda a importância do entendimento desses conceitos para o desenvolvimento de países periféricos, destacando a relevância da teoria da Ecologia-mundo na compreensão de contextos socioambientais específicos. Nesse contexto, é estabelecida a relação das contribuições de Moore, Gerbeau e Avallone com outras teorias, a saber: a teoria da Dependência e a teoria do Sistema-mundo, visando a identificação das intersecções entre as perspectivas teóricas na compreensão da Ecologia-mundo e sua aplicação em contextos diversos.

#### 4.1 INTRODUÇÃO ÀS OBRAS DE JASON MOORE, YOAN MOLINERO GERBEAU E GENNARO AVALLONE

##### 4.1.1 Contexto e Contribuições

Jason W. Moore pode ser entendido como o principal criador da teoria da Ecologia-Mundo. As obras de Moore são marcadas pela necessidade de um olhar diferenciado para enfrentar os novos desafios que se levantam em um contexto marcado pelas velhas maneiras de compreender o mundo (Moore, 2015), sugerindo uma nova interpretação das relações entre capitalismo e natureza.

Vale ressaltar que o primeiro a usar o termo “Ecologia-mundo” foi Wallerstein (1974). Embora não tenha desenvolvido teoricamente o conceito, Wallerstein utilizou-o ocasionalmente para se referir à estreita ligação entre o capitalismo e a natureza, e influenciou fortemente os estudos de Jason W. Moore (Gerbeau; Avallone, 2020).

Ao longo de sua carreira, Moore adotou uma abordagem interdisciplinar, que combina teorias da ecologia, da economia política e da história para analisar as transformações socioambientais provocadas pelo capitalismo. Em suas obras, a ideia central que permeia os argumentos do autor é que as crises ecológicas contemporâneas encontram-se intrinsecamente ligadas às dinâmicas do sistema capitalista, o que exige uma compreensão mais ampla e complexa das interações entre sociedade e natureza. Ele destaca que:

É importante entender que o capitalismo é coproduzido pelos humanos e pelo resto da natureza; em especial, para entender a crise que se desdobra hoje. A maneira usual de pensar sobre os problemas do nosso mundo é separar: de um lado, tem-se as crises sociais, econômicas e culturais, as quais são postas na rubrica de “crises sociais”, de outro, tem-se as crises ecológicas, do clima, dos oceanos e assim por diante. Hoje, estamos cada vez mais

percebendo que não podemos manter essa separação; porém, apesar disso, ela tem sido mantida ainda o tempo todo. Precisamos superar esse dualismo para construir nosso conhecimento da crise atual, uma crise singular com muitas expressões. Algumas, como a financeirização, parecem ser puramente sociais; outras, como a potencial sexta extinção das espécies neste planeta, parecem ser puramente ecológicas. Mas, na verdade, esses dois momentos estão intimamente ligados de várias maneiras importantes (Moore, 2020, p. 3).

Moore chama a atenção para o dualismo existente nas abordagens que dividem a análise em sociedade e natureza. Ele argumenta que essas categorias fazem parte do problema intelectual e político, assim como os binarismos do eurocentrismo, racismo e sexismo, que estão diretamente envolvidos nas violências e opressões do mundo moderno. Essa crítica ao dualismo envolve algo abstrato, mas bastante material, pois, historicamente ele resultou em exclusões humanas e políticas de extermínio impostas sobre naturezas extra-humanas.

Dentre as principais contribuições de Moore para o campo da Ecologia-Mundo, destaca-se o conceito de "Capitaloceno", que problematiza as narrativas dominantes sobre a relação entre a economia e o meio ambiente, sobre o qual trataremos mais à frente. Moore traz a proposta de uma visão mais holística e crítica do capitalismo, e demonstra de que forma as práticas de exploração ecológica e social estão intrinsecamente entrelaçadas na lógica do sistema capitalista global. Para ele:

Quando se introduz o ecológico na teoria da crise econômica ou na análise da desigualdade social, o modo de entender o boom e a crise econômica, assim como a desigualdade, começa a mudar. Parte disso vem do fato de que as questões centrais da desigualdade social, ao longo das linhas de classe, raça e gênero, têm tudo a ver com como o capitalismo funciona na teia da vida (Moore, 2020, p. 5).

As obras de Jason Moore, das quais podemos citar "Capitalism in the Web of Life" (Capitalismo na Teia da Vida, 2014) e "Ecology, Capital, and the Nature of Our Times" (Ecologia, capital e a natureza dos nossos tempos, 2011), têm sido reconhecidas no meio acadêmico por sua singularidade e consequente relevância para os debates sobre sustentabilidade, justiça ambiental e alternativas ao modelo econômico dominante. Pelo fato de analisar a trajetória do capitalismo em diferentes regiões e períodos históricos, Moore oferece considerações valiosas para repensar as relações entre sociedade, natureza e economia em um mundo cada vez mais globalizado e, ao mesmo tempo, desigual.

Em "Capitalismo na Teia da Vida", Moore proporciona uma análise sobre a

interconexão do capitalismo com o meio ambiente, destacando a complexa teia de relações que permeiam o sistema econômico global e sua interação com a natureza. Ele explora como o capitalismo não é apenas um sistema econômico isolado, mas sim uma força interligada com a biosfera e os sistemas naturais. Nesse sentido, Moore explica que:

O conceito dominante do capitalismo é que ele pode fazer com a Natureza o que bem entender, que a Natureza é externa e pode ser codificada, quantificada e racionalizada para servir o crescimento econômico, o desenvolvimento social ou algum outro bem superior. Este é o capitalismo como projeto. A realidade – o processo histórico – é radicalmente diferente. Enquanto os múltiplos projetos do capital, do império e da ciência estão ocupados a fazer da Natureza um “N” maiúsculo – externo, controlável, redutível – a teia da vida está ocupada a embaralhar as condições biológicas e geológicas do processo do capitalismo. A “teia da vida” é a natureza como um todo: natureza com n enfaticamente minúsculo. Esta é a natureza como nós, como dentro de nós, como ao nosso redor. É a natureza como um fluxo de fluxos (Moore, 2014a, p. 11 – tradução nossa).

Ao longo de duas décadas de reflexões e estudos apresentados na obra, Moore revela a importância de compreender a história do capitalismo em conjunto com a história ambiental, evidenciando como essas duas esferas estão entrelaçadas e influenciam diretamente a sustentabilidade do planeta, o qual encontra-se vulnerável às consequências do modelo capitalista de exploração desenfreada. Ele percebe o capitalismo como uma ecologia mundial, que une a acumulação de capital, a busca pelo poder e a coprodução da natureza em uma unidade dialética, estendendo-se até às mudanças, relações e ciclos geobiológicos do nosso planeta.

Em "Ecologia, capital e a natureza dos nossos tempos", Moore segue em uma perspectiva similar, em busca de elaborar uma teoria unificada do capitalismo histórico, na qual o sistema mundial moderno representa uma ecologia mundial capitalista, uma matriz histórica mundial da natureza humana e extra-humana baseada na mercantilização. Nessa visão, é destacada a interdependência entre a acumulação de capital e a produção da natureza, e como o sistema mundial moderno é uma ecologia mundial capitalista, baseada na mercantilização constante. Na perspectiva de Moore:

O dinamismo do capital resulta do esgotamento das próprias redes de vida necessárias para sustentar a acumulação; a história do capitalismo tem sido uma história de movimentos fronteiriços recorrentes para superar essa exaustão, através da apropriação dos dons gratuitos da natureza, fora do alcance do capital (Moore, 2011, p. 110 - tradução nossa).

À luz da perspectiva de Giovanni Arrighi sobre tempo, espaço e acumulação no

capitalismo, Moore desenvolve uma análise que culmina em uma teoria abrangente da acumulação e suas crises, concebendo-as como um processo ecológico global. Ele enfatiza a dialética entre subprodução e superprodução no contexto capitalista, alertando para a possibilidade de um retorno de crises de subprodução que podem impactar o equilíbrio ecológico e econômico mundial. “O limite ecológico mundial do capital, por outras palavras, é o próprio capital” (Moore, 2011, p. 111 - tradução nossa).

Outros autores referências quando se trata da teoria da Ecologia-Mundo são Yoan Molinero Gerbeau e Gennaro Avallone. Gerbeau, doutor em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Autônoma de Madrid, é atualmente professor e pesquisador do Instituto Universitário de Estudos Migratórios (IUEM) da Pontifícia Universidade de Comillas, em Madri, na Espanha. As suas principais linhas de investigação centram-se nas questões do ambiente, das migrações e da agricultura (Ahedo, 2024). Avallone, sociólogo italiano, se dedica ao estudo das relações entre sociedade e natureza. Suas obras trazem uma análise crítica das estruturas sociais e econômicas que perpetuam a exploração e a degradação ambiental, nas quais o autor aborda temas como as migrações internacionais, o trabalho agrícola, as relações socioecológicas e os movimentos e conflitos sociais em nível urbano.

Em seu trabalho “Ecologia-mundo, um novo paradigma para estudo das migrações internacionais”, Gerbeau e Avallone apresentam juntos o conceito de Ecologia-mundo como um novo paradigma nas Relações Internacionais. Ao colocar as relações socioecológicas no centro do desenvolvimento do capitalismo global, eles se baseiam no paradigma criado por Jason W. Moore para explorar e analisar fenômenos sociais e políticos de forma holística e transnacional. Esta nova perspectiva teórica oferece possibilidades para a análise de questões globais complexas, como as alterações climáticas, a crise econômica e a mobilidade humana. Ao definir as raízes teóricas e abordagens analíticas da ecologia mundial, os autores buscam abrir novas janelas de investigação e contribuir para o desenvolvimento de estudos críticos sobre migrações humanas sob um novo prisma até então pouco explorado (Gerbeau; Avallone, 2020).

Com base na estrutura do sistema mundial, a fratura metabólica e reprodução social, a ecologia mundial terá um forte impacto no campo das Relações Internacionais permitindo uma reinterpretação total do processos globais. Assim, é uma corrente que não nasce do mundo dos estudos de migração, mas surge como um quadro de estudo da realidade internacional que permitirá explicar fenômenos como este do ponto de vista estruturalista.

Precisamente por esta razão, isto é, pela sua natureza exógena aos estudos de migração, a ecologia mundial oferece a oportunidade de abrir uma nova janela teórica e assim fornecer novas categorias e conceitos que enriquecem a análise neste campo de estudo (Gerbeau; Avallone, 2020, p. 26 – tradução nossa).

Na obra “Produzindo alimentos e trabalho baratos: migrações e agricultura na ecologia do mundo capitalista”, Gerbeau e Avallone (2017) analisam o capitalismo global como um projeto ecológico que se baseia na apropriação das naturezas humana e extra-humana para sustentar o processo de acumulação.

A ecologia-mundo parte, portanto, de uma crítica à visão moderna que separa a humanidade da natureza, colocando o social de um lado e o ambiental do outro. Reconhece, assim, que não existem limites claros entre uma e outra, mas que o social - natureza humana - e o ambiental - natureza extra-humana - constituem uma matriz única através da qual são realizados os diferentes processos de produção e reprodução (Gerbeau; Avallone, 2017, p. 32 - tradução nossa).

Os autores enfatizam que a agricultura e a força de trabalho que dela depende, desempenham um papel central na manutenção do Sistema-mundo, onde as cadeias globais de produtos, as migrações internacionais e as relações centro-periferia se entrelaçam e revelam os processos globais em curso. Neste artigo, os autores buscam contribuir para a análise do sistema mundial por meio dessa perspectiva, destacando como sua formação e crise estão relacionadas com um modelo de produção altamente internacionalizado, que tem gerado grandes movimentos migratórios de trabalho barato em todo o mundo.

A Ecologia Mundo, a natureza social abstrata, a negativa de valores e a crise em curso do capitalismo são discutidas, com ênfase na exploração de algumas questões problemáticas emergentes no debate internacional sobre ecologia política (Moore; Avallone, 2019). No sentido de mitigar tais questões:

Precisaremos do melhor das tradições anarquista e socialista, precisaremos de ter a vontade de ir além de ambas no próximo século. Precisaremos também de mudar a ideia e a prática de utilização da Natureza como força produtiva e de adotar uma concepção multi-espécies de justiça planetária. O socialismo – ou o que chamamos de um mundo mais democrático, igualitário e sustentável – será um socialismo para toda a vida ou não será nada (Moore; Avallone, 2019, p. 6 - tradução nossa).

Diante do exposto, e visto que o presente trabalho busca também compreender, numa perspectiva ecológica, o desenvolvimento dos países periféricos, por meio do prisma da teoria da Ecologia-Mundo, os estudos de Jason W. Moore, Yoan Molinero Gerbeau e Gennaro Avallone se apresentam como um referencial



teórico relevante para o desenvolvimento das ideias aqui elucidadas. A integração das perspectivas de Moore, Gerbeau e Avallone oferece uma visão das complexidades e dos desafios que envolvem a relação entre humanos e meio ambiente, contribuindo para um maior entendimento das dinâmicas e dilemas da Ecologia-mundo contemporânea. Por meio de suas análises e perspectivas críticas acerca da influência do capitalismo sobre o ambiente, os autores nos convidam a pensar sobre os desafios e possibilidades de uma Ecologia-mundo emancipatória e que, de fato, considere as questões intrínsecas à relação homem-natureza prementes de nosso tempo.

#### **4.1.2 Abordagem metodológica**

Em suas análises sobre as relações entre sociedade, natureza e capitalismo, Moore, Gerbeau e Avallone utilizam de uma abordagem metodológica essencialmente interdisciplinar e crítica. Os autores adotam uma perspectiva que busca compreender as interações entre os sistemas sociais, econômicos e ambientais, reconhecendo a natureza como uma força ativa e co-constituente de práticas sociais e históricas.

A visão em relação à abordagem utilizada em estudos de fenômenos sociais revela que estas são construídas e organizadas dentro de um contexto histórico e disciplinar específico (Gerbeau; Avallone, 2020). A investigação social possui uma tradição consolidada de referências teóricas e práticas que orientam a produção do conhecimento. No entanto, os autores ressaltam que, principalmente no campo dos estudos sociais, a forma de investigar também pode ser construída, assim como o objeto de estudo. Isso implica em refletir sobre as próprias práticas de pesquisa e ter um controle explícito sobre as construções e modos de funcionamento utilizados. Por esse motivo, Gerbeau e Avallone valorizam uma abordagem metodológica crítica, que questiona e analisa os processos de investigação e as construções de conhecimento envolvidas.

No tocante à essa abordagem metodológica interdisciplinar crítica, Moore (2014a) sustenta a noção de que os aspectos sociais, políticos, econômicos e ambientais estão entrelaçados, e isso não pode ser esquecido quando se estuda determinando fenômeno social. Para ele, a crise ambiental, uma das maiores urgências

da atualidade, não se restringe a um ecossistema ou a áreas específicas, mas sim trata-se de um problema global de proporções imensuráveis. É assim que o autor destaca a necessidade premente de adotar abordagens interdisciplinares que possibilitem uma compreensão abrangente desse fenômeno complexo. “A Ecologia-mundo, portanto, entende que a natureza não é uma entidade diferenciada dos humanos, mas que ambos formam uma matriz única, sendo explorados sistemicamente pelo capitalismo global” (Gerbeau ; Avallone, 2020, p. 32 - tradução nossa).

A teoria da Ecologia-mundo é aplicada para analisar a gênese e a reprodução do capitalismo sob uma perspectiva histórica e global, considerando as relações entre natureza, sociedade e capitalismo como inerentemente interligadas e em constante transformação. Nessa ótica, Moore acredita que:

Pode [...] ser um erro falar da modernidade (ou capitalismo) e natureza, como se pudesse se pensar de forma adequada sobre capitalismo ou a natureza na ausência do outro! Mas não seria mais proveitoso falar de civilizações-em-natureza, capitalismo-em-natureza, modernidade-come-história ambiental? (Moore, 2014b, p. 99 - tradução nossa).

Como destacam Gerbeau e Avallone (2017, p. 43 - tradução nossa), a base da civilização capitalista é fundamentada em uma visão dualista que separa o ser humano da natureza, colocando-o como seu controlador em vez de fazer parte dela: “[...] um dos fundamentos sobre os quais se baseou a concepção de natureza extra-humana da ecologia mundial capitalista se baseia no dualismo cartesiano, onde a natureza é um objecto externo disponível para apropriação pelos seres humanos[...]”. Cabe salientar a importância de analisar as formas como as relações sociais de produção e reprodução se entrelaçam com as condições ecológicas e biológicas, destacando a centralidade da natureza na configuração das relações sociais e econômicas.

É notória a abordagem crítica adotada por Moore e Avallone ao analisar as lógicas do capitalismo e suas consequências socioambientais. Conforme aponta Moore (2014a, p. 152 - tradução nossa), o capitalismo se apropria da natureza “da cabeça aos pés, de um membro ao outro e por entre suas entranhas”. Os autores problematizam as narrativas dominantes sobre a relação entre sociedade, natureza e economia, argumentando que o capitalismo opera através de uma lógica de extração e exploração sem limites, que resulta em crises ambientais e sociais cada vez mais

intensas.

No capitalismo, a natureza é desvalorizada de duas maneiras: ela é precificada, recebendo um valor baixo, e também é degradada ou diminuída ética e politicamente, para ser vendida por um preço mais baixo. Essas duas formas estão sempre interligadas e presentes em diferentes momentos ao longo dos últimos cinco séculos de transformações do capitalismo (Moore, 2014a). Gerbeau e Avallone (2020) concordam com Moore quando afirmam que estamos presenciando a época do capitaloceno, período histórico em que o capitalismo modificou profundamente a natureza e os ecossistemas, explorando-os em busca da produção sem limites.

Em suas análises, Moore e Avallone também exploram as formas de resistência e transformação que surgem em resposta às crises socioambientais geradas pelo capitalismo. Há uma intencionalidade no sentido da construção da natureza como um campo separado dos seres humanos, o que legitima sua exploração indispensável para garantir a acumulação capitalista.

O capitalismo, ao construir a natureza como aquilo que está fora da civilização, isto é, como um conjunto de valores pré-fabricados livremente disponíveis para apropriação, estrutura uma racionalidade segundo a qual ela é diretamente apropriável para a produção (Gerbeau; Avallone, 2020, p. 31 - tradução nossa).

A compreensão dessas nuances é crucial para identificar e fomentar formas eficazes de resistência e transformação frente às crises socioambientais contemporâneas.

Para mitigar essa dualidade, Moore destaca a importância de repensar as relações entre sociedade, natureza e economia, e propõem alternativas que valorizem, de maneira conjunta, a justiça social e a sustentabilidade como princípios orientadores das práticas políticas e econômicas.

É importante entender que o capitalismo é coproduzido pelos humanos e pelo resto da natureza; em especial, para entender a crise que se desdobra hoje. A maneira usual de pensar sobre os problemas do nosso mundo é separar: de um lado, tem-se as crises sociais, econômicas e culturais, as quais são postas na rubrica de “crises sociais”, de outro, tem-se as crises ecológicas, do clima, dos oceanos e assim por diante. Hoje, estamos cada vez mais percebendo que não podemos manter essa separação; porém, apesar disso, ela tem sido mantida ainda o tempo todo.

Precisamos superar esse dualismo para construir nosso conhecimento da crise atual, uma crise singular com muitas expressões. [...] é possível e necessário começar a fazer na prática novas alianças entre as diferentes partes dos movimentos sociais mundiais que, por enquanto, estão ainda desconectados.[...] A razão para reunir o que chamo de “metabolismo singular” dos humanos na teia da vida é muito crucial – ele nos permite

começar a fazer conexões entre momentos sociais e momentos ecológicos (Moore, 2020, np.).

Diante do exposto, observa-se que a abordagem metodológica de Moore, Gerbeau e Avallone para estudar e interpretar as relações entre sociedade, natureza e capitalismo é pautada principalmente em uma análise crítica e interdisciplinar, que busca compreender as complexas interações entre os sistemas sociais, econômicos e ambientais, e colocar possibilidades de transformação e resistência diante das crises socioambientais geradas pelo capitalismo.

#### 4.2 TEORIA DO SISTEMA-MUNDO E ECOLOGIA-MUNDO

A teoria da Ecologia-mundo compartilha pontos de intersecção com as teorias da Dependência e do Sistema-mundo, uma vez que todas elas buscam analisar as relações de poder e exploração presentes nas estruturas socioeconômicas globais. Tanto as teorias da dependência quanto a teoria do Sistema-mundo enfatizam a dependência dos países em desenvolvimento em relação aos países centrais e o papel desempenhado pelo sistema capitalista global na perpetuação das desigualdades. Da mesma forma, a teoria da Ecologia-mundo destaca a importância das relações sociais e ecológicas na formação do capitalismo e na exploração da natureza extra-humana dos países periféricos.

Como o próprio nome sugere, a perspectiva da ecologia-mundo baseia-se profundamente nas teorias do Sistema-mundo de Wallerstein, que por sua vez começaram a partir do conceito de economia mundial iniciado por Braudel (Wallerstein 2004). O rótulo "-mundo" partilhado pelas três correntes mostra não apenas a ligação teórica entre elas, mas também a intenção que primeiro Wallerstein (1974) e depois Moore (2003) tiveram de recorrer a uma tradição que eles queriam abertamente superar, fornecendo uma estrutura mais ampla ou mais complexa (Gerbeau; Avallone, 2020 - tradução nossa).

A intersecção entre a teoria da Ecologia-mundo, teoria do Sistema-mundo e teoria da Dependência, possibilita a compreensão dos desafios enfrentados pelos países em desenvolvimento. Se por um lado, as teorias de dependência e Sistema-mundo oferecem uma análise das relações de poder e exploração no contexto global, a teoria da Ecologia-mundo fornece uma perspectiva complementar ao enfatizar a importância das relações sociais e ecológicas na formação do capitalismo.

No entanto, é importante destacar as limitações dessa intersecção teórica. A teoria da dependência e a teoria do Sistema-mundo podem não fornecer uma análise

detalhada das dinâmicas socioecológicas envolvidas no desenvolvimento periférico. Compreendemos com Moore que o Sistema-mundo não é uma teoria incorreta, mas ele acreditava que havia lacunas significativas que precisavam ser resolvidas. Apesar de concordar com a relevância do modelo centro-periferia e outros aspectos importantes da teoria, como fases de acumulação ou cadeias globais, Moore destacou que Braudel e Wallerstein tinham deixado de explorar um aspecto fundamental: a interação do capitalismo com o meio ambiente (Gerbeau; Avallone, 2020), evidenciando a necessidade de considerar outras abordagens teóricas e perspectivas para uma compreensão completa dos desafios enfrentados pelos países em desenvolvimento.

A teoria da Ecologia-mundo, contudo, enfatiza sobremaneira a questão ambiental e por vezes não aborda de forma suficiente as questões específicas relacionadas à dependência econômica e ao sistema de poder global.

Ao se voltarem para a questão do meio ambiente – dada sua crescente importância na época do Antropoceno –, os pensadores radicais [vinculados à Ecologia-mundo] têm promovido cada vez mais um monismo social antropocêntrico no qual a natureza é vista como completamente internalizada pela sociedade (Foster; Clark, 2020, p. 178).

Como destacam Foster e Clark (2020), Moore utiliza o conceito de "teia da vida" para indicar sua conexão com questões relacionadas ao meio ambiente. No entanto, o termo é majoritariamente empregado como uma metáfora para demonstrar a dominância do capitalismo sobre a natureza. Ele descreve o mundo, tanto natural quanto social, como uma rede intrincada e interligada de relações, nas quais o capital exerce sua influência predominante.

Para Moore, a noção de ecologia-mundo significa simplesmente o capitalismo em larga escala, inscrito em absolutamente tudo. É esta a "teia da vida", nada mais que uma coleção de aglomerados (isto é, mercadorias). A noção de Sistema Terra simplesmente desaparece (Foster; Clark, 2020, p. 183).

É importante, então, reconhecer que existem limitações nessa intersecção teórica, especialmente em relação aos diferentes enfoques que cada teoria atribui à compreensão das dinâmicas socioecológicas. Ainda assim, relacionar as teorias da Ecologia-mundo, do Sistema-mundo e da Dependência pode proporcionar uma compreensão ampla e multidimensional dos desafios enfrentados pelos países em desenvolvimento.

## **5 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO PERIFÉRICO EM UM CONTEXTO DE CRISE ECOLÓGICA**

Neste capítulo, é abordada a relação entre o desenvolvimento periférico e a crise ecológica. É analisado como a busca por crescimento econômico em países periféricos pode levar a problemas ambientais, como desmatamento, poluição do ar e da água, e perda de biodiversidade. Aqui, são discutidos os desafios enfrentados na busca por um desenvolvimento sustentável nessas regiões, considerando a necessidade de conciliar o desenvolvimento econômico com a proteção do meio ambiente e o uso racional da natureza extra-humana, visando promover um desenvolvimento mais sustentável e resiliente aos desafios ambientais.

### **5.1 O DESAFIO DA SUSTENTABILIDADE**

A busca por crescimento econômico em países periféricos tem sido foco de discussões nos estudos de desenvolvimento, especialmente quando se considera os desafios ambientais que surgem desse processo. Frente às ideias que aqui foram dialogadas até o momento, é evidente que existe uma relação entre o desenvolvimento do capitalismo periférico e a crise ecológica desencadeada no planeta.

As alterações no clima planetário são apontadas como uma das mais sérias ameaças ambientais globais com fortes impactos, não apenas nos ecossistemas, mas nas atividades econômicas e na própria saúde das populações (Malafaia et al., 2011). Essas mudanças ambientais globais têm decorrências muito amplas no ambiente, sobre a terra, o ar e as águas, afetando o ambiente do planeta e, conseqüentemente, todas as suas formas de vida. Este conjunto de transformações tem impactos significativos também nas condições de vida da humanidade, principalmente para os grupos sociais que não dispõem de meios para enfrentar ou se adaptar aos efeitos negativos das mudanças. De maneira geral, pode-se dizer que os grupos potencialmente mais suscetíveis aos efeitos negativos das mudanças ambientais globais são aqueles que já se encontram em situação precária em termos de acesso à infra-estrutura de saneamento e de condições de habitação (Do Carmo, 2007), como é o caso dos países periféricos.

Compreender como o Centro provoca danos ambientais na Periferia, por meio dos instrumentos utilizados na relação de exploração entre ambos, requer uma análise das teorias existentes. É importante, então, direcionar o olhar à base teórica para buscar hipóteses e explicações que ajudem a compreender o fenômeno da exploração da natureza extra-humana.

Os problemas ambientais enfrentados, como o aquecimento global, a escassez da natureza extra-humana, a poluição atmosférica e a perda de biodiversidade, têm impactos significativos nos países periféricos. Em um mundo capitalista, esses países muitas vezes são explorados e subjugados em prol do desenvolvimento econômico dos países centrais, o que resulta em uma desigualdade ambiental e social ainda maior. “Também se transferem enormes quantidades de recursos da periferia para o centro, o que só é possível pela superexploração da força de trabalho nesses países” (Dos Santos, 2016, p. 145). O que acontece é que:

[...] os países periféricos têm se especializado na exploração e exportação de recursos naturais para os países centrais, enquanto estes últimos têm se especializado na produção e exportação de produtos manufaturados para as economias periféricas. Assim, essa divisão internacional de trabalho tem mantido a especialização dos países periféricos na exploração dos recursos naturais não renováveis, embora existissem tentativas frustradas em mudar esse esquema extrativista, como por exemplo, o modelo de industrialização substitutiva de importações. O modelo extrativista dos países periféricos é incompatível com um modelo de desenvolvimento sustentável que vise reconectar a relação homem-natureza e criar um ambiente harmônico entre a sociedade, a natureza e a economia (Páez, 2015, p. 11).

É essencial estabelecer um diálogo entre as teorias dialogadas neste estudo e a Economia Ecológica, a fim de extrair o máximo de conhecimento sobre a relação entre o uso da natureza extra-humana e o processo predatório da natureza (Cruz, 2023). Logo, as teorias consideradas no presente estudo, a saber, a teoria da Dependência, do Sistema-mundo e da Ecologia-mundo podem fornecer um arcabouço teórico fundamental à análise da relação entre o desenvolvimento periférico e a crise ecológica.

Vimos com Theotônio dos Santos, em sua obra "A teoria da dependência: balanço e perspectivas", que o desenvolvimento periférico está intrinsecamente ligado à dependência em relação aos países centrais. Nesse contexto, os países periféricos são frequentemente impulsionados a buscar o crescimento econômico como uma forma de superar sua dependência, o que leva a uma intensificação da exploração da natureza extra-humana e, conseqüentemente, a problemas ambientais. Dos Santos

(1998, p. 127) chama a atenção para essa questão, quando diz que “é simplesmente insano negar a gravidade dos problemas sociais que se acumulam no mundo moderno a partir de duvidosos equilíbrios macroeconômicos obtidos muito a curto prazo, à custa de outros desequilíbrios muito mais sérios”.

Nesse sentido, o autor traz sua percepção sobre o desafio do desenvolvimento sustentável, justamente pelo fato de como este se relaciona com as questões econômicas e sociais da nossa sociedade:

É neste ponto que a noção de desenvolvimento sustentável alcança seu significado mais amplo. Desenvolvimento significa crescimento econômico socialmente equilibrado e baseado no avanço permanente do conhecimento científico e da eficácia econômica. Sustentabilidade implica defesa do meio ambiente e da qualidade de vida para que as próximas gerações possam sobreviver e mesmo aumentar sua qualidade de vida. Sustentabilidade implica, também, a eliminação da pobreza e das terríveis desigualdades entre as classes sociais, os povos e as regiões do globo, a fim de assegurar um desenvolvimento para todos. Sustentabilidade implica, além disso, o desenvolvimento de padrões de conduta, relações sociais e institucionais, de poder e governabilidade mundiais, que respeitem as diferenças étnicas, culturais e civilizacionais, procurando incorporar numa civilização planetária os aportes de todos os povos a uma convivência planetária pacífica, aprazível e feliz, com respeito às diferenças (Dos Santos, 2016, p. 441).

O pensamento de Dos Santos acerca do desenvolvimento sustentável vai além de simplesmente conciliar crescimento econômico com preservação ambiental, mas envolve a promoção da igualdade social, o combate à pobreza e a valorização das diversidades culturais e étnicas, demonstrando a complexidade e abrangência do conceito.

A teoria do Sistema-mundo também enfatiza a desigualdade estrutural entre os países centrais e periféricos. Segundo essa teoria, os países periféricos são inseridos em uma dinâmica global de exploração e extração da natureza extra-humana, muitas vezes para atender às demandas dos países centrais. Conforme afirma Páez:

As consequências ambientais negativas são experimentadas com maior força nas comunidades pobres dos países desenvolvidos e nos países em desenvolvimento periféricos, por causa dos países centrais demandarem maiores recursos naturais para ser utilizados como matéria prima nos processos produtivos. Dessa maneira, os passivos ambientais, que injustamente são concentrados nos países periféricos onde ocorre o processo extrativista, provocam uma série de conflitos ambientais e sociais nessas economias (Páez, 2015, p. 12).

Essa exploração desenfreada pode levar a um esgotamento da natureza extra-humana e a uma crise ecológica de proporções globais.

Ao analisar a teoria do Sistema-mundo sob a ótica de Dos Santos, Baptista



Filho (2009) revela questões cada vez mais urgentes relacionadas à preservação do meio ambiente as quais estão intrinsecamente ligadas. Ele destaca que essas questões são moldadas pelo legado do crescimento econômico desigual, desbalanceado e socialmente excludente característico do estágio monopolista e global do capitalismo. O autor frisa “a necessidade de estabelecer-se um projeto global de desenvolvimento sustentável e humano capaz de garantir a preservação e a melhora do meio ambiente e a eliminação da pobreza e miséria” (Baptista Filho, 2009, p. 68).

Entretanto, a busca por um desenvolvimento sustentável em países periféricos enfrenta diversos desafios. Além da falta de recursos financeiros, dependência econômica nos variados setores e pressão por crescimento econômico imediato, há ainda a exploração e a extração contínua da natureza extra-humana fomentada pelo capitalismo, como nos mostra Moore (2014), por meio da teoria da Ecologia-mundo. É sobre as consequências dessa exploração exacerbada, a qual reforça os problemas ambientais globais nos países periféricos, que discutiremos a seguir.

### **5.1.1 O Paradoxo do Desenvolvimento**

Ao longo da história, o desenvolvimento tem sido simbolicamente associado a uma promessa de avanço, qualidade de vida e bem-estar, a qual tem sido perpetuada para sustentar as necessidades do capitalismo. Globalmente, o desenvolvimento se tornou um objetivo procurado e desejado por todas as sociedades, embora tenha influenciado a disseminação de um modelo moderno de origem europeia, fundamentado em valores ocidentais (Santos, 2018).

Sob tal prisma, o desenvolvimento é:

[...] fundado no discurso de solidariedade global e combate à miséria e sofrimento humano, de modo que se pode dizer que atualmente o desenvolvimento é um dos maiores projetos da humanidade. Nota-se, ao analisar a questão, que, apesar das tentativas de democratização e humanização da ideia, o desenvolvimento limita-se à concepção identificada com o projeto civilizatório da modernidade ocidental, por meio do qual se buscam garantir mantidas pautas como crescimento econômico, industrialização, desenvolvimento científico, entre outros. Ou seja, trata-se de um projeto que reconhece apenas o desenvolvimento compatível com os valores e cânones da sociedade ocidental capitalista e, portanto, quando internalizado pelos diversos países, sua consequência é a uniformização das distintas dimensões sociais, políticas, jurídicas entre outras, sobre as quais se impõe. A liberdade humana é admitida, desde que dentro desse horizonte.

Mas, as consequências desse projeto se mostraram alarmantes: a crise ambiental, o fracasso do projeto de crescimento econômico, a persistência da fome planetária, desaparecimento de tradições e culturas são algumas delas (Wolkmer; Ferrazzo, 2018, p. 165).

Para Dos Santos, o intuito desse projeto de desenvolvimento do Capitalismo baseia-se justamente em:

[...] debilitar os Estados nacionais das economias periféricas e dependentes, enquanto os Estados centrais se fortalecem cada vez mais e atuam de maneira sempre mais articulada com os interesses do grande capital internacional (Dos Santos, 2016, p. 315).

Como apontam Wolkmer e Ferrazzo, o desenvolvimento, concebido dentro da lógica capitalista, tem consequências ambientais graves, e complementam afirmando que:

[...] o desenvolvimento é um conceito contraditório, cujos limites são expostos por perspectivas críticas, uma reflexão fundamental, visto ser o discurso desenvolvimentista concebido dentro da lógica capitalista e ter como consequências a tragédia ambiental planetária e o desaparecimento de tradições e culturas periféricas. Projeto industrial e lógica da propriedade, componentes dos discursos de desenvolvimento, impõem-se aos países, redefinindo políticas públicas e ordenamentos jurídicos, bem como incluindo países nas relações mercantis internacionais. O custo desse projeto é elevado, pois tem conduzido à supressão de ecossistemas, uma séria ameaça à biodiversidade (Wolkmer e Ferrazzo, 2018, p.163).

É de se compreender, portanto, que o paradoxo do desenvolvimento capitalista reside na dificuldade dos países periféricos em equilibrar progresso e preservação ambiental. É interessante observar que os países considerados mais avançados atingiram suas posições por meio da exploração da natureza extra-humana, tanto interna quanto externa, no passado, por meio da colonização e hoje em dia, por meio das relações produtivas no mercado global:

mediante o saque de recursos de certos países por outros e pela consequente transformação de ecossistemas inteiros dos quais estados e nações dependem; movimentos massivos de trabalho e população vinculadas à extração e transferência de recursos; a exploração das vulnerabilidades ecológicas de certas sociedades para promover um maior controle imperialista; a descarga de dejetos ecológicos que amplia a fenda entre o centro e a periferia; e em conjunto, a criação de uma descontinuidade metabólica global que caracteriza a relação do capitalismo com o meio-ambiente ao mesmo tempo em que limita o desenvolvimento capitalista (Foster; Clark, 2006, p. 226).

Atualmente, essas nações centrais solicitam aos países periféricos e de economia subdesenvolvida que protejam suas florestas e aquíferos e alcancem o mesmo desenvolvimento, mesmo sem terem acesso aos mesmos recursos

disponíveis para os países centrais (Wolkmer; Ferrazzo, 2018). Percebemos que tal “desenvolvimento” capitalista, caracteriza-se como uma troca injusta e exploratória, que revela as desigualdades estruturais do sistema capitalista global, no qual é preciso esgotar a natureza extra-humana essencial e insubstituível em função de uma ilusória posição confortável no mercado global.

Essa abordagem imperialista e hegemônica adotada por determinadas nações centrais detentoras de certo domínio hierárquico sobre outras nações periféricas demonstra a crescente influência do capitalismo em escala global. Dos Santos, destaca que:

A expansão do capitalismo em nível mundial, sob a forma de um processo de internacionalização e de globalização, não pode mais se apoiar na pretensão de imposição de uma nação sobre o conjunto da humanidade. [...] A humanidade vê-se na urgência de esboçar uma nova ordem política, econômica e ambiental mundial, já que a expansão anárquica do capitalismo colocou em xeque a própria sobrevivência do planeta e, por conseguinte, dos seres humanos (Dos Santos, 2016, p. 54).

Ao tentar transpor as limitações do sistema econômico capitalista e da lógica moderna liberal e individualista, o conceito de desenvolvimento se destaca como uma ferramenta que contribui para perpetuar uma mentalidade que ameaça a existência global e desconsidera formas de vida que não se encaixam nos valores considerados universais. Assim sendo, é essencial desconstruir o discurso do desenvolvimento para que seja possível questionar também as narrativas políticas e jurídicas que reforçam, nos países, a visão civilizatória ditada pelo capitalismo.

Neste sentido, é imprescindível rever o discurso do desenvolvimento, possibilitando a união da compreensão do coletivo para além da abordagem capitalista de objetificação da natureza, incluindo práticas e perspectivas que viabilizem o surgimento de novas ideias do que é o desenvolvimento, assim como novas maneiras de interpretar o mundo e de estruturar a realidade na qual vivemos.

## 5.2 ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO

Neste ponto, é importante explorar as estratégias que os países periféricos

podem adotar para enfrentar a crise ecológica em busca de um desenvolvimento consciente e em equilíbrio com as questões ambientais. É relevante abordar aqui, de que maneira a tecnologia e a inovação podem contribuir para a sustentabilidade e o desenvolvimento periférico, auxiliando na redução do impacto ambiental e na promoção de um desenvolvimento equitativo. Faz-se necessário pensar o papel da governança e da formulação de políticas públicas eficientes para enfrentar a crise ecológica e promover um desenvolvimento periférico sustentável.

### 5.2.1 Tecnologia e Inovação

Quando se observa o resultado de uma economia discutida separadamente do campo ecológico, como se fossem coisas distintas, fica menos difícil compreender o cenário cada vez mais desafiador e crítico de fervura global. Os tópicos anteriores se aprofundaram em debater o impacto do que foi feito e da maneira como foi conduzida. É perceptível que a degradação ecológica, se não puder ser evitada, pode ser, ao menos retardada ao máximo possível. Isso só será viável se nos enveredarmos por um caminho de:

uma consciência ambiental cada vez mais madura, que busca submeter o crescimento econômico aos objetivos de um desenvolvimento sustentável que garanta às próximas gerações a continuidade de uma política de desenvolvimento humano (Dos Santos, 2016, p. 453).

Partindo da análise de que economia e meio ambiente são indiferentes, a academia tem avançado e se aprofundado em ideias de como fazer diferente, pensando o desenvolvimento econômico de maneira sustentável. É um debate que se faz necessário passar pelo crivo popular na medida em que o pensar economicamente sustentável tenderá a ser convertido em ações, se houver uma maior adesão.

Nesse processo de integração, a fonte de lucro precisaria ser oriunda do que já existe, sem a necessidade de substituir o antigo pelo novo, ainda que este novo fosse resultado de uma produção sustentável, pois, caso isso ocorresse, haveria uma lógica inalterada no padrão de consumo, como explica o próprio em entrevista:

Nós temos pela frente um desafio muito grande, porque o enfoque do problema ambiental tem sido feito sob uma perspectiva conservadora, de conservar o que existe e não de saber como ser mais bem aproveitado, mais bem utilizado [o meio ambiente] ou a outra forma desenvolvida pelo capital de criar uma indústria e uma economia ambiental. Então “eu não posso parar

com a fábrica, mas ela destrói”; “Bom, mas têm filtros, tem uma economia para te atender”. Então você vai aumentar o custo de produção. E há todo um setor montado para isso. Eu vou produzir menos autos, mas em compensação eu entro com o auto elétrico, ou vou entrar com uma economia substitutiva dentro do próprio sistema (Dos Santos, 2009, n.p.).

Nesse contexto, surge a percepção de uma mudança interna dentro da estrutura capitalista, à medida que o próprio sistema começa a reconhecer a importância dos aspectos ambientais. A conscientização de que ignorar a questão ambiental compromete sua existência se baseia na compreensão da finitude da natureza extra-humana, o que levaria a um aumento descontrolado nos custos de produção, tornando-a inviável no longo prazo. Ademais, a falta de consideração pelos impactos ambientais no custo de produção levaria a um encarecimento dos produtos, afastando os consumidores que, de forma racional, optariam por alternativas sustentáveis. Theotônio dos Santos critica o sistema capitalista por ter, desde o início, ignorado em seus modelos teóricos e matemáticos o impacto ambiental nos custos de produção. A suposição de que os “recursos naturais” são inesgotáveis criou a falsa ideia de que não seria necessário calcular os custos e benefícios dessa interação, o que se mostrou equivocado diante da realidade atual.

Dos Santos, compartilhava da ideia de que esse apaziguamento entre economia, sociedade e meio ambiente estaria lastreado em uma economia circular, que incentivasse o reuso e o compartilhamento. Há pouco mais de 15 anos, países como Canadá, China, e alguns do continente africano já estavam em processo de consolidação da chamada economia solidária, que pode ser definida como uma forma de se produzir e distribuir, onde o fator humano, em tese, é mais importante que a acumulação de riqueza em si. No entanto, Dos Santos esclarece que haveria um máximo possível a ser alcançado nessa transição econômica:

Muitos companheiros pensam em voltar para outro tipo de economia de pequena empresa, até o momento, o que mais avançou nisso foi o Canadá. Eles têm cerca de 15% da economia de tipo solidária. É bastante, é possível que cheguem até mesmo a 20% ou 30% (Dos Santos, 2009, n.p.).

É notável que, apesar de ter uma visão clara do que esperar do futuro no campo econômico, Dos Santos demonstra certa desconfiança em relação à ideia de que essa mudança ocorreria naturalmente pelas mãos do mercado. Ele defende a necessidade de uma maior participação do estado nesse processo. Ao pensar em um futuro no qual a tecnologia seria fundamental para a produção sustentável, Dos Santos direciona

suas críticas ao modelo atual, enfatizando a importância da justiça social e da interdependência entre os países. A falta de equidade no acesso à tecnologia entre países periféricos, semi-periféricos e centrais poderia resultar em uma "corrida sustentável tecnológica", mantendo a desigualdade econômica e produtiva presente desde o fim da Segunda Guerra Mundial, agora sob um viés sustentável.

A virada tecnológica já em curso pode trazer avanços significativos, porém é crucial considerar que os países periféricos possuem características peculiares, como baixa industrialização, capacidade tecnológica limitada e desigualdade social alarmante. No entanto, esses países têm disponibilidade de uma natureza extra-humana, o que reflete em sua alta dependência na exportação de commodities. Nesse sentido, oportunidades de desenvolvimento econômico surgem no campo da energia renovável, adubos e no fortalecimento da economia local para reduzir os impactos dos choques econômicos externos. A economia colaborativa e circular abre espaço para aproveitar parte das exportações internamente, diminuindo a dependência de processos industriais realizados fora do país.

A nível global, não quer dizer que a produção sustentável necessariamente resultará em um processo de desindustrialização, mas sim, que, haverá uma nova maneira de se produzir, e, a partir daí, alguns mecanismos tradicionais da indústria poderão perder sentido devido a uma nova forma de se consumir. Theotônio dos Santos, entretanto, já se mostrava descrente no que se refere ao grau de vantagem que os países pobres teriam nessa transição capitalista, que agora, ao menos em tese, resolveu alterar as características da sua produção como forma de sobrevivência, mas sem falar em momento algum de uma possível descentralização no acúmulo de riqueza ou uma maior cooperação tecnológica com os países pobres, sem que isso signifique abrir mão de uma relação imperialista.

Percebemos com Moore (2014a) que as alterações climáticas são fruto do capitalismo, pois esse modelo de eterna busca por acumulação de capital também se concentra na lucrativa exploração e destruição da maioria das pessoas e do meio ambiente. Tal perspectiva se alinha com a visão de Theotônio, quando o autor traz que:

“Perigos” até então desconhecidos do espaço sideral nos são, hoje, familiares, e encontramos novas relações e um comércio com o espaço sideral muito mais frequentes do que toda teoria pudesse mesmo imaginar. As informações obtidas, no espaço, sobre a Terra transformam nossa noção

sobre o clima e se inscrevem no cotidiano de nossas vidas por meio da monitoração das condições climáticas e na expansão das comunicações via satélite. Descobrimos também, por essa via, as mazelas ecológicas que nos ameaçam, como consequência, muitas vezes, de nosso próprio desenvolvimento tecnológico. Este é o caso da fenda aberta na camada de ozônio e dos resultados do aquecimento global em curso (Dos Santos, 2016, p. 438).

Nesse sentido, nossas ações no meio ambiente se tornam cada vez mais evidentes, o que deveria nos levar a repensar nossos hábitos e práticas em prol da sustentabilidade. Há uma urgência em atentarmos para o mundo ao nosso redor e percebê-lo como nosso lar comum.

A questão ecológica assumiu, assim, um caráter radical, que exige do gênero humano um esforço para administrar sua sobrevivência como espécie e a do planeta como a única sede conhecida da vida no Universo.[...] A questão da criação de uma civilização planetária que garanta a convivência entre os povos, as várias civilizações históricas e as culturas tornou-se uma tarefa consciente da humanidade (Dos Santos, 2016, p. 439).

Compreendemos, a partir da reflexão realizada pelos autores, a interdependência existente entre economia, tecnologia e meio ambiente, e que essa ligação requer uma abordagem integrada e consciente, que possibilite o desenvolvimento sustentável e equidade entre os povos. Frente a este diálogo, fica evidente a necessidade de promover uma mudança de paradigma em direção a uma economia justa, sustentável e inclusiva, na qual a cooperação global e a inovação tecnológica desempenhem um papel fundamental na construção de um futuro mais equilibrado e próspero para todos.

### **5.2.2 Governança e Política Pública**

Durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável Rio+20 em 2012, o ex-presidente do Uruguai, Pepe Mujica, provocou os presentes ao afirmar que a crise ecológica não passava de uma crise política. Essa declaração, embora não fosse inédita, trouxe uma reflexão importante sobre a responsabilidade de quem poderia agir de forma diferente diante da situação. O desafio climático é global, mas a culpa dos principais emissores de CO<sub>2</sub> recai majoritariamente sobre países desenvolvidos economicamente.

O fator político-econômico está ligado diretamente as ações de cada país, bem como a sua capacidade e interesse numa economia verde. Um levantamento

realizado pela Climate Watch, mostrou em infográfico que entre 1850 a 2022, os 24 maiores emissores de CO<sub>2</sub> estavam concentrados nos seguintes países: Estados Unidos, Reino Unido, China, Rússia, Holanda. Alemanha, Espanha, República Tcheca, Áustria, Polônia. França, Suécia, Japão, Itália, Índia, Arábia Saudita, Irã, Coreia do Sul, México, Noruega, Bélgica, Canadá e Ucrânia, sendo que ao longo do tempo foram apenas se revertendo nas suas posições, com destaque para China, Estados Unidos, Índia e Rússia, que figuram no topo da lista. Nota-se que a ampla maioria dos países mencionados são considerados países desenvolvidos economicamente.

Um segundo recorte alarmante, é do Ranking EPI 2016 (Environmental Performance Index), realizado pelas Universidades de Yale e Colômbia, que classifica os 180 países mais verdes do mundo baseado em 20 indicadores e 9 categorias, dentre elas florestas, poluição do ar, biodiversidade, recursos hídricos e outros. Naquele estudo, o top 10 países menos verdes ficou para: Somália, Eritreia, Madagascar, Níger, Afeganistão, Chade, Mali, Bangladesh, Moçambique e República Democrática do Congo. Esses dados revelaram uma relação estreita entre degradação ambiental e pobreza, já que todas nações deste ranking compartilham de problemas comuns, como um PIB per capita abaixo da média mundial, conflitos internos e turbulência políticas, resultando na falta de saneamento básico, tratamento de resíduos, acesso a água tratada dentre outros problemas.

Os recortes específicos servem para exemplificar o fato de que países ricos e pobres contribuem em maior escala para a degradação do meio ambiente. No entanto, a grande diferença é que países centrais possuem mecanismos para um novo formato de impacto ambiental, enquanto os países periféricos o degradam por questão de sobrevivência. Dito isso, pode-se concluir que se um país rico, detentor de recursos, poderia estar fazendo mais e não faz, a fala de Pepe Mujica faz sentido, ao evidenciar que a crise ecológica nada mais é que uma crise política.

O cenário de uma economia verde sustentável tem sido discutido há várias décadas. No entanto, os avanços, ainda que ocorridos, demonstram um impacto incapaz de mudar a catástrofe futura, cada vez mais inevitável. A ótica capitalista está mais ligada a um processo de adaptação, do que substituição da forma de se produzir. É um movimento que visa superar o capitalismo, não meramente por um viés



ideológico específico, mas sim porquê da forma como mesmo está colocado, caminha a passos firmes para decretar o fim da própria humanidade, justamente pela essência do capitalista de transformar tudo o que encontrar, leia-se a natureza extra-humana, em mercadoria. O historiador Luiz César Marques Filho, autor do livro *Capitalismo é o Motor do Colapso Ambiental*, Ed. Unicamp, 2019, professor da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), destacou em declaração ao jornal da instituição, ao falar sobre a relação entre o capitalismo e a conservação da natureza extra-humana, que:

A história ensina algo é que o futuro não está contido no presente. Mas, no momento, ninguém sabe de onde virá uma ação política coletiva capaz de reverter (e não apenas amenizar) a tendência ao colapso ambiental. Reverter essa tendência requer, em meu entender, a desmontagem da máquina intrinsecamente acumulativa e expansiva do capitalismo. Requer, numa palavra, superar o capitalismo, pois para o capitalismo ser é crescer. E quanto mais dificuldade ele encontra para crescer (inclusive, doravante, por causa das crises ambientais), mais ambientalmente destrutivo ele se torna. O caso do petróleo de xisto e de areias betuminosas é exemplar nesse sentido (Marques Filho, 2015, p. 7).

A permanência do modelo de produção e consumo do capitalismo vigente torna urgente a reflexão sobre a desordem socioambiental na qual estamos cada vez mais próximos de naufragar, bem como a necessidade de repensar urgentemente nossas práticas para garantir a sustentabilidade do planeta.

Em uma perspectiva similar, as ideias de Theotônio dos Santos sobre desenvolvimento sustentável ganham relevância, ao destacar a importância de um modelo econômico que leve em consideração não apenas o crescimento econômico, mas também a preservação da natureza extra-humana e a equidade social:

A noção de desenvolvimento não pode mais servir a este projeto imperialista e deve sim servir de instrumento para planejar as condições de surgimento e implantação de uma verdadeira civilização planetária, que se apoiará nas ricas experiências civilizatórias de todos os povos do planeta e deinitivamente no respeito à diversidade cultural que a história produziu. Esse esforço democrático e pluralista nos permitirá utilizar a sabedoria das diversas civilizações, que emana de ambientes ecológicos diversos e das soluções criativas encontradas por seus habitantes, para conseguir uma articulação virtuosa entre a humanidade e a natureza que tanto precisamos diante de uma crise ambiental planetária extremamente grave que vivemos sob o caos social promovido pelas formações sociais fundadas no modo de produção capitalista (Dos Santos, 2014, p. 54).

Cabe retomarmos as ideias de Moore, Gerbeau e Avallone, autores da Ecologia-mundo, aqui anteriormente discutidas, no tocante à necessidade de destacar a interconexão entre os processos sociais e ambientais e a superação da visão

dualista que separa humanos e natureza, e reconhecer que somos parte integrante de um sistema complexo e interdependente. É preciso romper com o paradigma do crescimento infinito em um planeta finito, de forma a repensar as bases do desenvolvimento contemporâneo.

É inevitável perceber que uma das maneiras de se destacar no atual cenário da reforma do sistema capitalista é seguir o que foi proposto por Theotônio dos Santos há muito tempo. Esse caminho envolve a integração econômica cada vez maior, beneficiando os países mais pobres ao fortalecer suas economias internas e aproveitar de forma mais eficiente sua natureza extra-humana. Para alcançar esse objetivo, é essencial aumentar a capacidade tecnológica, o que é um desafio para os países periféricos e semiperiféricos, acostumados com o modelo de exportação de matérias-primas com baixo uso de tecnologia. A integração entre os países pode fazer grande diferença para uma maior eficiência na utilização dos recursos de cada um e na troca de conhecimento tecnológico. Os países ricos, por sua vez, também tenderão a se unir em blocos econômicos, já que o novo padrão capitalista pode gerar uma interdependência maior entre as nações. É importante destacar que o processo industrial será redesenhado para se adequar a esse novo modo de consumo e produção.

Em colaboração à Publicação de Indicadores Econômicos da Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, Theotônio dedicou algumas longas páginas para explicar os motivos de nos anos seguintes a 1993 os países atuarem cada vez mais em blocos:

Muitos autores têm posto a ênfase analítica em aspectos particulares dessas transformações, que são erigidos sobre explicações de fenômenos globais e extremamente complexos. Chega-se, assim, a resultados negativos quanto à descrição e à previsão da evolução dessas formações sociais e de sua interação numa economia mundial. Uma linha de análise acentua as mudanças no padrão de industrialização elegendo determinados setores econômicos e até mesmo alguns ramos da produção como determinantes das atuais mudanças socioeconômicas e até políticas. Sem negar a importância desses padrões de industrialização ou "revoluções industriais" para explicar o comportamento de variáveis importantes, trata-se de uma visão parcial da evolução das forças produtivas. Esta se materializa em diferentes formas de articulação entre os vários ramos industriais existentes e os novos ramos que surgem através da evolução global do conhecimento humano, que é determinado por relações socioeconômicas mais complexas. Outra linha de interpretação destaca a criação de uma sociedade pós-industrial com a superação da indústria por um novo estágio de desenvolvimento dos serviços, particularmente aqueles ligados à informação. Outra vez está-se diante de tentativas de erigir fenômenos parciais (embora

de grandes dimensões e impacto histórico) sobre elementos explicativos de processos globais, que não podem se reduzir à ação de setores econômicos específicos (Fundação de Economia e Estatística, 1993, p. 81-82).

Na medida em que acompanha-se os textos e artigos do autor, fica notório que Theotônio sempre teve uma descrença em relação a boa vontade do mercado autopromover uma mudança estrutural. O economista entendia que o Estado falhava quando se colocava refém do mercado como um todo, fazendo negociações muitas das vezes prejudiciais ao próprio país para que ficasse preservada a boa relação entre ambos. Dos Santos compreendia que o mercado sempre estaria insatisfeito e por isso demandaria cada vez mais concessão por parte do Governo, por isso era necessário fazer um enfrentamento do mercado, tendo o Estado como agente principal, ditando como essas mudanças poderiam acontecer.

Basicamente, deixar o mercado se autoregular, sem intervenção da máquina pública, seria como assinar um cheque em branco sem que houvesse quaisquer garantia de que as mudanças ocorreria, visto que a engrenagem capitalista como um todo se mostra inflexível a mudanças, em especial a algo que alteraria totalmente o foco principal do sistema capitalista: O acúmulo de riqueza. O enfoque mais preocupante é a certeza de que se não houver mudanças drásticas na estrutura atual, chegará um momento de não retorno, onde a sobrevivência humana estará seriamente comprometida.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou explorar as possibilidades de desenvolvimento periférico em um contexto de intensas transformações globais, oferecendo uma interpretação fundamentada no legado de Theotônio dos Santos. O pensamento de Dos Santos enfatiza que a dependência econômica é o alicerce que sustenta e perpetua a desigual relação entre os países. Ele defendia veementemente a necessidade de uma Integração Global entre as nações para enfrentar desafios, incluindo os ambientais.

Partindo dessa abordagem que aponta a reforma capitalista como um passo decisivo para assegurar um futuro mais estável aos países do mundo, este estudo surge no sentido de tentar entender as perspectivas de independência e desenvolvimento dos países periféricos, bem como compreender a integração global como forma de garantir a sobrevivência do planeta. É importante ressaltar que o objetivo deste estudo não foi esgotar o tema abordado nem estabelecer conclusões definitivas, mas sim instigar reflexões acerca do assunto. Até porque, a mobilização necessária para uma reforma capitalista efetiva requer um consenso entre Estado e mercado, que muitas vezes não estão dispostos a revisar suas práticas e prioridades.

As teorias analisadas neste trabalho, vinculadas às ideias de Theotônio dos Santos, nos ajudam a compreender as relações de poder e exploração presentes nas estruturas socioeconômicas globais. Enquanto as teorias de dependência e Sistema-mundo oferecem visões sobre as dinâmicas globais, a abordagem da Ecologia-mundo destaca a importância das relações sociais e ecológicas na formação do capitalismo.

Ao considerarmos o legado de Dos Santos, percebemos sua relevância na compreensão das desigualdades estruturais globais e na busca por alternativas emancipatórias para os países periféricos. Com Dos Santos compreendemos ainda que existe uma relação entre o desenvolvimento periférico, o sistema capitalista que impera e a crise ecológica atual. E é justamente essa relação que faz do desenvolvimento sustentável dos países periféricos um desafio. Percebemos que a busca por crescimento econômico em países periféricos tem levado a problemas ambientais significativos, por esgotar recursos imprescindíveis. Eis aí o paradoxo do desenvolvimento: almejar uma economia desenvolvida em detrimento da preservação

da natureza extra-humana, sem atentar para o fato de que essa corrida acentua cada vez mais os problemas ambientais.

As contribuições de Dos Santos continuam influenciando o debate sobre desenvolvimento econômico, social e ambiental, especialmente em contextos de países em desenvolvimento. A análise crítica proposta por esse renomado teórico destaca a necessidade urgente de transformações nas relações econômicas e sociais do sistema capitalista global. A integração entre os países pode ser essa peça fundamental para promover uma economia sustentável, trazer maior eficiência na utilização e conservação de sua natureza extra-humana, mitigando os impactos ambientais e fomentando o desenvolvimento equitativo.

## REFERÊNCIAS

- ACCO, M. A. Os Estados, o Sistema-mundo capitalista e o sistema interestatal: uma leitura crítica das contribuições de Immanuel Wallerstein. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 38, p. 708-730, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/5gys6r58TbTrkxHJnGKdh8H/>. Acesso em: 01 ago. 2024.
- AHEDO, U. Yoan Molinero Gerbeau: El medioambiente en las relaciones internacionales. **Gestión y Análisis de Políticas Públicas**, v. 34, p. 127-129, 2024. DOI: <https://doi.org/10.24965/gapp.11307>. Disponível em: <https://revistasonline.inap.es/index.php/GAPP/article/view/11307/12743>. Acesso em: 28 jul. 2024.
- ARENTI, W. L.; FILOMENO, F. A. Economia política do moderno sistema mundial: as contribuições de Wallerstein, Braudel e Arrighi. **Ensaio FEE**, v. 28, n. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/viewFile/2138/2522>. Acesso em: 02 ago. 2024.
- AVALLONE, G. Come la classe dominante governa attraverso la natura. In: MOORE, J. (ed). **Ecologia-mondo e crisi del capitalismo**. Verona: Ombre Corte, 2015.
- BAMBIRRA, V. **A revolução cubana: uma reinterpretação**. [S.l]: Centelho, 1975.
- BAPTISTA FILHO, A. C. C. **Dinâmica, determinações e sistema mundial no desenvolvimento do capitalismo nos termos de Theotônio dos Santos: da teoria da dependência à teoria dos sistemas-mundo**. 2009. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.
- COLISTETE, R. P. O desenvolvimentismo cepalino: problemas teóricos e influências no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 15, p. 21-34, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/jxY9NqgCYnFHQZ4Cjrc9spz/>. Acesso em: 13 mar. 2024.
- CORDEIRO, T. M. Economia-mundo, dependência e globalização: por uma síntese do papel do estado. **Ciências Sociais Aplicadas**, v. 27, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.10058704. Disponível em: <https://revistaft.com.br/economia-mundo-dependencia-e-globalizacao-por-uma-sintese-do-papel-do-estado/>. Acesso em: 19 mar. 2024.
- COUTO, J. M. O pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch. **Economia e Sociedade**, v. 16, p. 45-64, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/3zSj3KjR5SXWhBdXVdcRKL/?lang=pt>. Acesso em: 13 mar. 2024.
- CRUZ, J. M. da S. Teoria da dependência em Fernando Henrique Cardoso e Ruy Mauro Marini: uma aplicação prática à economia ecológica. **Revista Alteridade**, v. 5, n. 1, Jan./Jun., p. 71-85, 2023. DOI: 10.46551/alt0501202305. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/alteridade/article/view/6083>. Acesso em: 03 jul. 2024.

DIAS, M. F. **Do Estruturalismo da Cepal à teoria da dependência: continuidades e rupturas no estudo do desenvolvimento periférico**. 2012. Tese (Doutorado em Ciência Política), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DO CARMO, R. L. População e mudanças ambientais globais. **Revista Multiciência**, n. 8, p. 65-87, 2007. Disponível em: [https://www.conexaoambiental.pr.gov.br/sites/conexao-ambiental/arquivos\\_restritos/files/documento/2018-11/eventosclimaticos\\_brasil.pdf](https://www.conexaoambiental.pr.gov.br/sites/conexao-ambiental/arquivos_restritos/files/documento/2018-11/eventosclimaticos_brasil.pdf). Acesso em: 06 jul. 2024.

DOS SANTOS, T. **El nuevo carácter de la dependencia**. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1968.

DOS SANTOS, T. A estrutura da dependência. **American Economic Review**, v. 60, n. 2, p. 231, 1970. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315049038-3/structure-dependence-theotonio-dos-santos>. Acesso em: 02 ago. 2024.

DOS SANTOS, T. **A Teoria da dependência: balanço e perspectivas**. Rio de Janeiro: Contemporânea, 1972.

DOS SANTOS, T. **O capitalismo dependente na América Latina**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1974.

DOS SANTOS, T. **Imperialismo y dependencia**. Cidade do México: ERA, 1978a.

DOS SANTOS, T. The structure of dependence. **Revista de Economia Internacional**, v. 6, n. 2, 1978b. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315049038-3/structure-dependence-theotonio-dos-santos>. Acesso em: 01 ago. 2024.

DOS SANTOS, T. **Capitalismo e subdesenvolvimento na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

DOS SANTOS, T. **Introdução à economia política da América Latina**. São Paulo: Hucitec, 1986.

DOS SANTOS, T. Globalização e regionalização na economia mundial. **Indicadores Econômicos FEE**, v. 21, n. 1, p. 78-96, 1993. Disponível em: [https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Yemrn0AMqLMJ:scholar.google.com/+Globaliza%C3%A7%C3%A3o+e+regionaliza%C3%A7%C3%A3o+na+economia+mundial.&hl=pt-BR&as\\_sdt=0,5](https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Yemrn0AMqLMJ:scholar.google.com/+Globaliza%C3%A7%C3%A3o+e+regionaliza%C3%A7%C3%A3o+na+economia+mundial.&hl=pt-BR&as_sdt=0,5). Acesso em: 01 ago. 2024.

DOS SANTOS, T. **A Teoria da dependência: balanço e perspectivas**. Niterói: Insular Livros, 1998.

DOS SANTOS, T. **Entrevista com Theothônio dos Santos**. 2009. Disponível em: [https://ceppes.org.br/revista/versao-impressa/4/copy\\_of\\_entrevista-com-theotonio-dos-santos](https://ceppes.org.br/revista/versao-impressa/4/copy_of_entrevista-com-theotonio-dos-santos). Acesso em: 02 ago. 2024.

DOS SANTOS, T. **Desenvolvimento e civilização**: homenagem a Celso Furtado. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.

DOS SANTOS, T. **Socialismo ou fascismo**: o novo caráter da dependência e o dilema latino-americano. Niterói: Insular Livros, 2020.

FOSTER, J. B.; CLARK, B. Marxismo e a dialética da ecologia. **Crítica Marxista**, v. 50, p. 171-191, 2020. Disponível em: [https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/dossie2021\\_03\\_19\\_16\\_44\\_59.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2021_03_19_16_44_59.pdf). Acesso em: 24 jun. 2024.

FOSTER, J. B. ; CLARK, B. **Imperialismo ecológico**: a maldição do capitalismo, 2006. Disponível em: [https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/social/2004pt/10\\_foster.pdf](https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/social/2004pt/10_foster.pdf). Acesso em: 14. jul. 2024.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Globalização e regionalização na economia mundial. **Indicadores Econômicos FEE**. v. 16, n. 2, p. 81-82, 1993.

GERBEAU, Y. M.; AVALLONE, G. Ecología-mundo, un nuevo paradigma para el estudio de las migraciones internacionales. **EMPIRIA. Revista de Metodología de las Ciencias Sociales**, n. 46, p. 23-44, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2971/297168989002/297168989002.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2024.

GERBEAU, Y. M.; AVALLONE, G. **Produzindo comida e trabalho barato**: migrações e agricultura na ecologia-mundo capitalista. Madri: Relações Internacionais, 2017.

GUIMARÃES, C. **Capitalismo, periferia e globalização**: uma leitura a partir da teoria do Sistema-mundo. Belo Horizonte, MG: UFMG. 2013.

HIRST, P.; THOMPSON, G. **Globalização em questão**: a economia internacional e as possibilidades de governabilidade. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

KAY, C. Theotonio dos Santos (1936-2018): intelectual revolucionário e pioneiro da teoria da dependência. **El trimestre Económico**, v. 88, n. 349, p. 277-320, 2021. Disponível em: [https://pure.eur.nl/ws/portalfiles/portal/45556817/Kay\\_2021\\_Theotonio\\_Dos\\_Santos\\_Reorienta\\_1\\_1\\_2021.pdf](https://pure.eur.nl/ws/portalfiles/portal/45556817/Kay_2021_Theotonio_Dos_Santos_Reorienta_1_1_2021.pdf). Acesso em: 01 ago. 2024.

LEITE, I. In memoriam -Theotônio dos Santos: legado e atualidade no campo das ciências sociais latino americanas (a propósito das onze teses sobre a herança neoliberal). **Configurações. Revista Ciências Sociais**, n. 25, p. 170-182, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.9093>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/configuracoes/9093>. Acesso em: 23 fev. 2024.

LOGATTO, T. Desafios da democracia no capitalismo dependente: revisando o dilema latino-americano de Theotônio dos Santos. *In*: Ana Lúcia Rost; César Salina Ramos; Cristian Andrei Tisatto; Gabriel Chaves Amorim (orgs.). **Repensando as políticas públicas**: desafios dos direitos sociais e comunitários na atualidade. Porto



Alegre, RS: Fi, 623 p., 2022.

MALAFAIA, G.; SANTOS, M. R. dos; FUJACO, M. A. G.; SILVA CASTRO, A. L. da ; LIMA RODRIGUES, A. S. de. Percepção de discentes do ensino superior do Instituto Federal Goiano–campus Urutaí sobre os principais problemas ambientais da atualidade. **Revista de Estudos Ambientais**, v. 13, n. 1, p. 62-76, 2011. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/rea/article/view/2239/1585>. Acesso em: 06 jul. 2024.

MARINI, R. M. Dialéctica de la dependencia: La economía exportadora. **Sociedad y Desarrollo**, v. 1, p. 35-51, 1972. Disponível em: <https://www.marini-escritos.unam.mx/wp-content/uploads/1991/01/3.3-Diale%CC%81ctica-de-la-dependencia.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2024.

MARQUES FILHO, L. C. Capitalismo é o motor do colapso ambiental, aponta livro de Luiz Marques. *In*: Avancini, M. **Jornal da Unicampi**, 7 a 13 set., 2015. Disponível em: [ju\\_636\\_paginacor\\_06e07\\_web\\_0.pdf](https://www.unicamp.br/ju_636_paginacor_06e07_web_0.pdf) (unicamp.br). Acesso em: 14 jul. 2024.

MARTINS, J. R. Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo: uma teoria ainda atual? **Iberoamérica Social: Revista-Red de Estudios Sociales**, v. 3, n. 5, p. 95-108, 2015. Disponível em: <https://iberoamericasocial.com/immanuel-wallerstein-e-o-Sistema-mundo-uma-teoria-ainda-atual/>. Acesso em: 02 ago. 2024.

MARTINS, C. E. **A teoria da dependência, 20 anos depois de Ruy Mauro Marini**. 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/07/13/a-teoria-da-dependencia-20-anos-depois-de-ruy-mauro-marini/>. Acesso em: 02 ago. 2024.

MARTINS, C. E. **Teoria da dependência: uma revisão crítica**. São Paulo: Unesp, 2022.

MEDEIROS, C. A. DE. Política industrial e divisão Internacional de Trabalho. **Revista de Economia Política**, v. 39, n. 1, p. 71-87, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/331440895\\_Politica\\_Industrial\\_e\\_Divisao\\_Internacional\\_de\\_Trabalho](https://www.researchgate.net/publication/331440895_Politica_Industrial_e_Divisao_Internacional_de_Trabalho). Acesso em: 01 ago. 2024.

MOORE, J. W. **Capitalism in the web of life: ecology and the accumulation of capital**. Londres: Verso Books, 2014a.

MOORE, J. W. Ecology, capital, and the nature of our times: accumulation & crisis in the capitalist world-ecology. **Journal of World-Systems Research**, p. 107-146, 2011.

MOORE, J. W. **Capitalismo na teia da vida: uma entrevista com Jason W. Moore**. Entrevista cedida a Ahsan, K. View Point Magazine, 28 set. 2015.

MOORE, J. W. **Por uma teoria econômica além do antropocentrismo**. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/para-superar-o-antropocentrismo-da-teoria-economica/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MOORE, J. De objeto a oikeios: la construcción del ambiente en la ecología-mundo capitalista. **Revista Sociedad y cultura**, v. 2, p. 87-107, 2014b. Disponível em: <https://revistasociedadycultura.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/rsyc-2-4-moore2.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2024.

MOORE, J. W. ; AVALLONE, G. **Ecologia-mundo**. Uma discussão (Parte I). Entrevista, 18 set. 2019. Disponível em: <https://www.dtemdebate.com.br/por-uma-teoria-economica-alem-do-antropocentrismo-entrevista-com-jason-w-moore/>. Acesso em: 02 ago. 2024.

PALMA, G. Dependencia y desarrollo: una visión crítica. *In*: SEERS, D. (org.). **La teoría de la dependencia**: una revaluación crítica. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

PÁEZ, J. M. V. **Capitalismo periférico e desenvolvimento sustentável**: uma análise da exploração petrolífera no Equador. 2015. 140f. Dissertação (Mestrado em Economia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PEREIRA, A. D.; XERRI, S. G. O sistema mundial contemporâneo: uma contribuição para o debate sobre desenvolvimento na Teoria do Sistema-Mundo. **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, v. 9, n. 18, p. 41-65, 2020. Disponível em: [https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:xa49B3EMKxEJ:scholar.google.com/+Pereira+e+Xerri&hl=pt-BR&as\\_sdt=0,5](https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:xa49B3EMKxEJ:scholar.google.com/+Pereira+e+Xerri&hl=pt-BR&as_sdt=0,5). Acesso em: 01 ago. 2024.

PINTO, A. M. Da dependência ao sistema-mundo: as contribuições de Theotônio dos Santos para a história da América Latina e global. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA E PARCERIAS. 2., 2019, Rio de Janeiro, RJ. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Anphu-Rio, 2019.

PREBISCH, R. **The economic development of Latin America and its principal problems**. New York: United Nations, 1950.

PRECIADO, J. América Latina no Sistema-mundo: questionamentos e alianças centro-periferia. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, p. 251-265, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792008000200005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/JwJQwbgdvfcfYPVKdLhJLLwg/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 01 ago. 2024.

QUIJANO, A. Coloniality and modernity/rationality. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2–3, p. 168–178, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1080/09502380601164353>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09502380601164353>. Acesso em: 02 ago. 2024.

REYES, C. Uma teoria marxista da dependência? Notas sobre o lugar da teoria marxista da dependência no projeto teórico geral da crítica da economia política. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 14, n. 1, p. 361-372, 2022. DOI:

<http://doi.org/10.9771/gmed.v14i1.48178>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/48178>. Acesso em: 27 fev. 2024.

SANTOS, M. do C. R. DA C. F. O Constitucionalismo pluralista do bem viver: a reação latino-americana ao paradoxo do desenvolvimento. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 12, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/15983/14272>. Acesso em: 13 jul. 2024.

WALLERSTEIN, I. **The modern world-system: capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the sixteenth century**. New York: Academic Press. 1974.

WOLKMER, M. de F. S.; FERRAZZO, D. O paradoxo do desenvolvimento: direito ambiental e bens comuns no capitalismo. **Veredas do Direito–Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável**, v. 15, n. 33, p. 163-189, 2018. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/79e3/ed41b7f90c6f2a185c2d015654a80ad9650c.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2024.